

A soft-focus photograph of a person's hands holding a bouquet of white daisies with bright orange centers. The person is wearing a light-colored, textured garment. The overall tone is warm and nostalgic.

Deirdre



ELIZABETH URIAN



Elizabeth Urian
DEIRDRE

Depois de muitos anos solteirona, o pai de Deirdre faz algo detestável: obriga-a a contrair matrimônio. Por ele, deve abandonar sua Inglaterra natal para trasladar-se à Escócia, onde acabará casada com Liam McDougall, um bonito escocês que não suporta sua aparência. Acostumada a não agradar, Deirdre fingirá que isso não a afeta...

Perceberá, enfim, que a aparência não é tão vital quando o amor entra em jogo?

Capítulo 1

Londres, 1870

- Decididamente, você não me ama.

Robert Doyle, conde de Millent, enrugou a testa ao escutar essa contundente afirmação. Coçou a cabeça, numa tentativa de se acalmar, enquanto evitava o olhar reprovador de sua única filha solteira.

- Vamos, Deirdre, não seja assim...

- E o que queria? Duvido muito que esperasse uma rápida e agradecida aceitação de minha parte.

A jovem levantou-se do divã atapetado em cinza perolado e passeou enfurecida para cima e para baixo pelo tapete de lã que protegia seus delicados sapatos do chão frio.

- Se pensar por um momento... - O pai tentou de novo fazê-la compreender.

- Não preciso. - Deteve-se e lançou um olhar zangado. - Não vou deixar que me case como se fosse uma velha vaca para a qual não tem outro jeito além de presentear, porque já nem leite dá.

- Não seja melodramática, filha.

Deirdre Doyle podia ser qualquer coisa menos melodramática. Nos seus vinte e oito anos, sua característica principal era ser uma jovem tolerante e nada dada a grandes exageros. Também sabia que era graciosa, culta, feia e solteira. Uma total tragédia, segundo seu pai.

- Melodramática? - Repetiu. - Sinto-me enganada por meu pai, genitor, amor de meus amores, o homem mais importante de mim...

- Basta, basta - cortou-a. - Não nego que estou fazendo algo possivelmente reprovável...

- Possivelmente? - Ofegou a aludida, ultrajada.

- Mas estou fazendo com a melhor das intenções. É pelo seu bem.

- Ah, a frase do ano. - Deirdre retirou um lenço da manga e fingiu secar algumas lágrimas, não porque fosse incapaz de chorar, mas sim porque sentia tanta raiva que não podia derramá-las. A única coisa que necessitava era comover um pouco esse pedaço de bruto que chamava de "pai". - O que mais dói é ser traída por minha própria família.

- Bom... quanto a isso... - hesitou ao se explicar - tenho que dizer que ninguém me apoiou.

Isso tampouco era novidade para Deirdre, mas ao conde de Millent não faria mal sentir-se embaraçado pelo que estava fazendo.

- Nem sequer Sharon? – Perguntou-lhe, já sabendo a resposta. Nem mesmo sua madrastra via com bons olhos essa heresia.

- Ela é a que mais está contra todo esse assunto. – Ainda lhe amargurava a discussão que haviam tido na noite anterior. E na outra, e na outra... - Sharon a ama.

Deirdre sorriu em seu interior. Também sabia disso, como sabia que, em todo esse despropósito, seu pai era o único culpado. Sua madrastra e o resto de seus irmãos, assim como seus cônjuges, haviam—lhe dado seu apoio. Em vão.

- Pois isso me confirma que você não. – Fez seus melhores bicos e se aproximou dele, mimosa. – Vamos, papai; na realidade não quer fazê-lo.

O conde não se deixou comover, por mais que lhe fosse conveniente. Era um assunto resolvido.

- Engana-se – respondeu-lhe. – Quero fazê-lo e o farei.

- Argggggggg!!! – Deirdre se afastou dele, furiosa. – Se me casa contra minha vontade, nunca o perderei – ameaçou.

Seu pai se levantou e a fitou com tristeza.

- Espero de todo coração que isso não seja verdade, porque estou decidido. – Saiu do salão, deixando-a sozinha.

Quase imediatamente, a porta se abriu novamente, dando passagem à sua madrastra. A esbelta e madura mulher rondava já os cinquenta anos, mas nem sua magreza, nem a suavidade de sua pele, nem sua vivacidade, e agora preocupados olhos verdes, o testemunhavam.

Apesar de não ser a mulher que lhe deu à luz, a queria como se fosse. Deirdre se lembrava perfeitamente de sua mãe e, ainda no dia de hoje, sentia saudades. Lesley Millent, anteriormente conhecida como Porterfield, morreu de uma febre quando ela era jovem. Por isso, depois de treze anos compartilhando a vida com seu pai, a ternura dessa mulher e o profundo afeto que sentia por cada um dos filhos de seu marido havia conquistado para ela um lugar em seus corações. Era uma mulher muito especial.

- Deirdre, filha, acabo de ver seu pai sair. Conseguiu fazê-lo mudar de ideia? – Sentou-se e deu palmadinhas a seu lado para que ela fizesse o mesmo.

- Não. – Seu humor era terrível e seu futuro um negro borrão. – Querendo ou não, me casarei.

- Oh, minha menina. – Pegou-lhe as mãos para dar-lhe consolo. – Sinto tanto...

- Você não tem culpa de que seja um déspota sem coração – soltou aborrecida.

- Papai acaba de ordenar que depois de amanhã saíamos para a Escócia – anunciou Ernest, seu meio-irmão, enquanto fechava a porta da biblioteca.

Oh! – Gemeu e pôs uma mão em cada bochecha. – Que vou fazer?

- Não sei. – Sharon meneou a cabeça com frustração. – Faz dias que tento tirar isso de sua cabeça. – Deu um beijo distraído na cabeça de seu único filho natural quando este se sentou no tapete, a seu lado.

- Talvez se eu fugir... - lançou Deirdre, desesperada.

- Nem pense! – A madrasta a cortou imediatamente. – Se fizesse isso estaria batendo às portas da desgraça.

- E o que está por vir não é precisamente isso?

- Pensei que queria se casar – apontou Ernest, intervindo.

- Sim, mas não dessa forma – levantou-se. – O que papai pretende fazer não tem sentido e é muito abusivo, inclusive para ele. Nem sequer parou para pensar como me sentiria ao me oferecer assim, como meia dúzia de passas secas e enrugadas. – Um estremecimento a percorreu ao pensar que logo estaria casada e estabelecida em um novo lar. – Agora, se me desculpam, necessito de um pouco de solidão para tratar de digerir tudo isso.

- Promete-me não fazer nada drástico? – Sharon a olhou com desconfiança.

- Prometo. – Não era capaz de fazer algo que a magoasse. Exatamente o contrário do que fazia seu pai.

Sorriu com amargura e se dispôs a se retirar à solidão de seu quarto, mas, para sua consternação, este estava invadido por várias criadas que se apressavam em guardar todos os seus pertences para serem trasladados ao que logo seria seu novo lar: Escócia.

Manteve a compostura enquanto procurava um lugar suficientemente tranquilo para poder deixar escapar a aflição que a embargava. Ao final, escondeu-se na pequena sala de costura e sentou-se de qualquer maneira no nicho de uma janela, sem pensar em como ficaria seu vestido de inspiração romântica, em algodão branco com estampas florais, de que tão orgulhosa se sentia.

Ignorou o reflexo que a janela lhe mostrava para se centrar no que via através dela. Desde a considerável altura do terceiro piso de sua casa, localizada na Dover Street, podia escrutinar boa parte dos telhados e mesmo mais além deles. As chaminés cuspiam sem piedade ondas de fumaça negra e densa que ocultava parte do céu, mas aquela feiura era o que ela conhecia e não queria mudar. Não queria sentir saudades dos jardins e parques repletos de matronas e meninos, dândis a cavalo e cabriolés que deslizavam para deixar a mostra a seus ocupantes. Tampouco queria esquecer e deixar para trás as ruas barulhentas, as compras no mercado ou as desejadas visitas à modista. Mas, sobretudo, não

queria abandonar seu lar e sua família por um lugar em que nunca havia estado. Certo que era o lugar de nascimento de sua mãe e onde havia vivido até que conheceu seu pai. Não obstante, uma vez que passou a ser a condessa de Millent, não podia continuar residindo ali.

Entretanto recordava como ela o descrevia quando Deirdre era pequena. Lembrava da mãe deslumbrada e com evidentes saudades, sempre descrevendo suas agrestes montanhas ou suas empinadas colinas; os verdes campos, dizia, tão parecidos e ao mesmo tempo tão diferentes das campinas inglesas; sua gente, mais brusca, mas que conseguia dar significado à palavra comunidade e com um senso de pertencimento fora de qualquer dúvida.

Enfim, algo que para Deirdre tinha um claro significado: uma vida diferente e difícil.

As lágrimas, reprimidas por muito tempo, se descontrolaram e começaram a alagar os olhos da jovem. Enquanto deslizavam por suas bochechas, pensou que isso não era o mais grave do assunto. A dificuldade residia em que ia para a Escócia para CASAR-SE. E se esse não fosse motivo suficiente para se desesperar, podia acrescentar outro mais. Iria ali para contrair matrimônio com um desconhecido. Sim, era o filho de um amigo e seu pai o conhecia. Também havia sido informada de que sua mãe e a que acabaria sendo sua sogra haviam sido amigas de infância, mas isso não lhe trazia consolo. Esses casamentos combinados já estavam fora de moda, mas, ainda que NÃO estivessem, se zangaria da mesma forma. Não era já suficientemente crescida para escolher?

Verdade fosse dita, era mais que crescida. Se fosse sincera consigo mesma, admitiria que, em seus vinte e oito anos e na época atual, estava marcada como uma irremediável solteirona, mas era algo voluntário. Havia recebido várias propostas de casamento, algumas muito interessantes, mas as havia rechaçado por diferentes motivos. Em alguns casos era muito evidente que iam atrás de seu dote e isso a fazia sentir-se mais uma mercadoria que um ser humano. Em outras ocasiões, eram os candidatos que não a atraíam minimamente; e não era tanto pelo físico, – ela, menos que qualquer um, deveria ser tão superficial – mas sim pelos modos, aspirações, temperamentos... E o último motivo, talvez o mais determinante, era que, por mais que dissimulassem, não podiam esconder o profundo desagrado que sentiam ao olhar para seu rosto.

Era feia, para quê negá-lo? Oh, sim, tinha um cabelo castanho, ondulado, brilhante e com tonalidades ruivas que despertava inveja em toda essa maré de primorosas loiras. Seu corpo, além disso, tinha um aspecto curvilíneo que preenchia toda sua roupa e conferia a seu andar um movimento que alguns qualificavam como voluptuoso e sensual. Embora, de verdade, só acontecesse quando de costas e antes que vissem seu rosto, sempre tão, para dizer de forma

suave, especial. No momento em que alguns desses homens – as mulheres também – davam um rápido olhar para seu rosto, os gestos abarcavam um grande leque de expressões, cada uma mais incrédula e expressiva. Ante tal feiura, ninguém ficava indiferente.

Deirdre, como não podia ser de outra maneira, já estava acostumada. De fato, era impossível não apreciar as peculiaridades de seu rosto cada manhã diante do espelho da penteadeira. Não que fosse um espantalho, já que seus olhos tinham um tamanho, uma forma e uma cor das mais comuns. Entretanto, seu nariz longo e aquilino, que parecia ser o centro vital de todo seu rosto, partia sua cara em duas metades e o equilíbrio de suas maçãs do rosto, e a enfeava a tal ponto que só podia superar tal impressão se sorrisse com seus volumosos lábios.

Por tal fato, que um homem destinado a ser seu marido fosse incapaz de suportar sua aparência era para ela um grande impedimento. Estava segura de que milhares de casamentos estavam baseados em muito menos. Inclusive, em alguns casos, certamente que alguns deles não usufruíam de um aspecto físico invejável – podia apostar que não era a única. – Entretanto, Deirdre não podia evitar sentir que, com o tempo, essa repulsa podia ser a causa da destruição de qualquer casamento em que um dos contratantes não soubesse ver mais além das deficiências físicas do outro. Por que, se uma pessoa não era capaz de ver mais do que algo que lhe repugnava, dificilmente poderia ser capaz de apreciar o resto das coisas boas que o outro tinha a oferecer.

E o mais irônico de todo esse assunto da boda contratada – e também o mais nefasto – era que seu pai a obrigava a um casamento absurdo que reunia todas e cada uma das condições pelas quais antes se havia negado a sequer concebê-lo.

A pura verdade era que se sentia envergonhada. Ter que chegar ao extremo de um casamento contratado era um fato que por si já não favorecia uma boa imagem de si mesma, mas isso somado ao aspecto que ela apresentava resultava numa verdadeira humilhação.

Havia tentado argumentar com seu pai.

- Pois sua grande amiga é feia e se casou; e com um homem totalmente apaixonado, devo acrescentar – havia replicado ele em resposta.

Seu argumento, como era evidente, não a satisfazia.

- Mas papai, não se trata do mesmo caso. Camile não é tão feia como eu.

Para sua consternação, Robert Doyle havia-se permitido um grande sorriso.

- Ela dizia isso mesmo de você – rebateu.

Cada desculpa que Deirdre havia colocado, seu pai havia rechaçado. Era uma lástima que sua melhor amiga Camile já tivesse se casado, assim seu pai não teria utilizado o fato em seu desfavor.

Mas a verdade era que não pensava assim. Sentia-se muito feliz por ela.

Camile era a única filha de um barão rural que havia feito um esforço enorme para apresentá-la à sociedade. Como seu dote havia sido escasso, não teve uma única proposta de casamento, exceto a do filho de um primo que herdaria o baronato.

Quando se conheceram, Deirdre já estava na segunda temporada e Camile já odiava sua única e nefasta primeira. Ambas se reconheceram como almas gêmeas, além de igualmente feias. Sua amizade foi fulgurante e intensa; tal, que o conde a acolheu sob suas asas, para alívio do barão. Ao longo de vários anos, seu apego intensificou-se e um dia um bom partido, um comandante bastante bonito com pretensões de alcançar um posto maior, além de seu próprio navio, declarou-se totalmente apaixonado por Camile.

Tal foi a surpresa geral que até Robert Doyle teve uma conversa com o homem, mas parecia sincero.

- É adorável e maravilhoso – havia sentenciado a própria Deirdre em uma confidência a uma apaixonada Camile depois de conhecê-lo e comprovar que o sentimento era autêntico.

Deirdre viu sua amiga florescer de tal modo que até chegou a lhe parecer bonita sob os raios do sol do amor e do noivado. Mas, por vicissitudes do destino, as coisas não foram bem e ele a deixou. No final, com tudo esclarecido, Camile estava casada com o amor de sua vida. Agora já fazia um ano – mais ou menos – de tudo aquilo e Deirdre não podia ser mais feliz por isso, embora talvez, admitia, um pouco invejosa da sorte que sua amiga teve.

Mas, por desgraça, seus destinos não se pareciam em nada. Em poucos dias, partiria para a Escócia. Tudo para devolver um favor a seu pai. Tudo para saldar uma dívida. Havia algo muito degradante naquele assunto “eu lhe empresto dinheiro e o salvo da ruína com a condição de que no futuro, seu filho deve estar disposto a desposar a minha filha, que por certo, é muito feia”.

Estava claro: a partir de então, sua vida seria um inferno.

Capítulo 2

A Sudoeste de Inverness (Highlands), Escócia.

- Minha vida será um inferno! – Vociferou o escocês.

Com seus quase 1,82 de altura e seus quase 81 quilos de peso, Liam McDougall deixava entrever um semblante severo e profundo.

- Isso não sabe com certeza – assegurou seu primo Lorn com aspecto mais relaxado.

Apesar de serem primos carnais, os dois homens não podiam ser mais diferentes, tanto no físico como em suas formas de agir. Enquanto Liam mostrava uma aparência nada pequena e robusta, Lorn destacava-se por sua magreza e por seu cabelo cacheado e da cor das cenouras. Só lhe faltavam as sardas. O primeiro, em troca, tinha um cabelo negro, escorrido e mais comprido do que o habitual, que não ajudava a melhorar seu aspecto.

Quanto ao caráter, Lorn caminhava pela vida com tom pausado e pronto para aproveitar cada detalhe, fato que se observava em sua conduta e em sua maneira de falar. Liam, pelo contrário, era muito mais espontâneo em cada um dos seus gestos e não perdia a oportunidade de dizer as coisas tal e como as pensava. Por sorte para ambos, os dois primos se complementavam perfeitamente. Além de parentes, eram os melhores amigos.

- É claro que sei! – Aduziu Liam. Chutou o chão e um pedaço de terra com mato preso saiu voando. – Quando meu pai me disse que estava obrigado a me casar e que não havia nada que pudesse fazer para impedi-lo, não o aceitei bem, admito, – uma afirmação que raiava o eufemismo – mas tudo ficou pior quando acrescentou que a destinada a ser minha esposa seria a segunda das filhas desse conde inglês.

- Sim, casar-se com a segunda deve ser um drama – brincou Lorn.

Sem humor para brincadeiras, Liam lhe lançou um olhar furioso.

- Não entende. Neste caso sim, pois sabia com segurança que se tratava da feia.

- A feia? – Por um momento, Lorn não compreendeu.

- Sim. Meu pai a descreveu em várias ocasiões. Quando teve que deslocar-se a Londres motivado por negociações que tinha com o conde de Millent, meu pai a conheceu.

- E quando foi isso? Faz mais de vinte anos? – Perguntou incrédulo. -Devia

ser uma pequenina. As pessoas mudam, sabe?

Liam se pôs na defensiva ante o evidente sarcasmo de Lorn.

- Viu-a mais vezes – defendeu-se, esquivo. – A última vez, se bem me lembro, a garota deveria rondar os quinze anos.

- Não me convence – declarou seu primo. – Continuo pensando que pode ter se convertido em uma mulher espetacular. Não seria a primeira vez que acontece.

- Se é tão maravilhosa, porquê seu pai precisa negociar esse acordo sem sentido?

E aí estava o X da questão.

- Era tão feia? – Perguntou fazendo uma careta.

Liam ainda recordava a descrição porque havia rido de se dobrar da jovem por uma boa temporada. Também se recordava da piada que dirigiu aos ingleses por possuir semelhante aberração. Considerava que as moças escocesas valiam cem vezes mais.

- Sim.

- Talvez o tio Evan tenha exagerado. – Arrependeu-se imediatamente de ter dito isso, ignorando, aliás, as sobranceiras elevadas de Liam. Evan McDougall era qualquer coisa menos exagerado. – Bom, ao menos espere para vê-la antes de se pôr a bradar aos céus.

A conversa foi interrompida quando viram a figura de Fiona, a noiva de Lorn, aproximar-se.

De personalidade risonha, leal e trabalhadora, era a cara-metade perfeita de Lorn. Apesar de seus grandes quadris e busto generoso, possuía uma cara de menininha e uns traços doces, tal como Lorn gostava.

- Procurava por mim, vida minha? – Perguntou este com um enorme e bobo sorriso nos lábios. O casal acabava de noivar e exalava amor aos quatro cantos.

- Não especialmente – brincou com malícia para logo em seguida aproximar-se de Lorn e lhe dar um beijo apaixonado. – Robina mandou-me para que os advirta de que McDougall está procurando por Liam.

Robina era a mãe de Liam, enquanto que McDougall era uma forma de se dirigir com respeito ao pai do mesmo.

- Estava tentando animá-lo – indicou seu noivo. – Liam está muito angustiado por seu casamento com essa inglesa.

- Acabo de saber por sua mãe – dirigiu-se ao aludido. – Robina disse que em poucas semanas já terá subido ao altar. Parece perturbador que o faça antes de nós. – Não pôde evitar de observar a tensão de seus ombros quando falou.

- Se fosse só por isso... - a amargura de sua voz era evidente. – Ao ser o único filho McDougall, devo me sacrificar pelo bem da família.

Por prudência, o casal se absteve de fazer qualquer comentário; não queriam colocar mais lenha na fogueira.

Liam se despediu, deixando-os um momento a sós. O casal necessitava de muitos momentos assim.

Acelerou o passo até chegar à porta que dava no pátio traseiro de sua casa, que estava sempre aberta. Apressando-se, seu pai não resmungaria muito. McDougall odiava esperar.

- Aonde vai? – Perguntou o objeto de seus pensamentos, detendo seu avanço.

Deu a volta para topar com um homenzarrão de grande tamanho e enorme barba grisalha que o fitava com seus enormes olhos escuros e um aspecto desgostoso. Era um homem que impunha respeito, mas não só por seu aspecto; McDougall era um sombrio e austero escocês que levava sua família e suas responsabilidades muito a sério.

- Saí para tomar um ar. Lorn veio ver-me.

- Suas responsabilidades... - começou seu pai.

- Esperarão – sentenciou chateado. – Creio que demonstrei que levo minhas obrigações a sério. – Ambos sabiam que se referia também ao indesejado noivado. – Não creio que um breve intervalo faça mal a alguém.

- Liam...

Sem desejar um novo sermão sobre suas obrigações e sobre sua falta de entusiasmo quanto a certa questão que mudaria toda sua vida, entrou na casa sem dizer nada mais, deixando-o com a palavra na boca. Nas últimas semanas, seu humor andava azedo e seu limite de tolerância era baixo.

Dirigiu-se ao escritório. Quando entrou, o calor o golpeou, como sempre. A grande lareira permanecia acesa todo o dia por ordem de McDougall, que sempre sentia frio. Não importava se Liam suasse e se sentisse incomodado pela intensidade do calor; era indispensável eliminar qualquer resquício de frio.

O cômodo era utilizado por pai e filho igualmente. Várias gerações atrás, foi uma das salas de refeição da família, mas, na atualidade, suas paredes estavam cobertas por estantes onde repousavam milhares de livros e documentos. Alguns deles eram os que utilizou em seus estudos de advocacia em Edimburgo.

- Já sei que está chateado, filho. – Foi a primeira coisa que seu pai disse ao passar o umbral – e não era minha intenção questionar suas obrigações. E quanto ao assunto de seu próximo casamento...

- Não quero continuar falando dele – cortou-o. – Farei o que tenho que fazer e pronto.

- Parece um mártir. Recorde-se do que seu avô dizia: “as coisas acontecem por algumas razões”.

- Se sou um mártir será porque você me obrigou a ser, pai. Além do mais, o avô não teria cunhado essa frase tão absurda se tivesse estado em meu lugar.

- Absurda, porém certa – lançou um sonoro suspiro. – Vamos, Liam, já falamos disso. As coisas são como são.

Talvez, mas respondeu de todas as formas.

- Não seriam assim se você não tivesse aceitado semelhante disparate. Esse homem abusou de sua situação desesperadora.

- Refere-se ao conde de Millent?

- O mesmo. Aproveitou-se como um maldito miserável do favor que lhe devia para nos impor a sua infatigável e feia filha.

- Favor? Devo-lhe... Não – retificou. – Devemos-lhe mais que um favor. Reconheço que nossa vida nunca foi fácil, mas, se durante esse período complicado das colheitas, da fome, da desocupação, do surto da cólera e tudo mais, não tivesse nos disponibilizado essa quantidade enorme de dinheiro, a estas horas, esse povoado teria desaparecido; e nós com ele – sentenciou.

Não lhe agradou que o recordasse desse penoso assunto. Os McDougall haviam sido um forte clã nas gerações passadas e Glenrow, um feudo que lhes pertencia. Seus cofres estavam cheios e eram donos de todas as terras de lavoura, cultivo e pastos. Mas os anos e a revolução agrícola levada a cabo pelos aristocratas proprietários hereditários provocaram uma situação em que os escoceses – sobretudo os das Highlands – foram os grandes prejudicados.

Ele ainda era muito pequeno, mas seu avô lhe contou que as desocupações forçadas de mais de duas mil famílias em um dia não eram incomuns. Muitos morreram de fome ou congelaram até morrer em suas casas. Não ajudou o fluxo migratório dos montanhese a outras partes do mundo, mingando a população. O fracasso do cultivo da batata, alimento básico e primordial, dizimou as rendas, embora ali não tenha sido tão dramático como na Irlanda. Também a ocupação das terras para criação de ovelhas.

Portanto, o dinheiro começou a minguar de tal forma que tiveram que começar a vender.

Como era de esperar, tiveram que se adaptar, mas cada ano havia mais prejuízos. Os camponeses não podiam lhes pagar. Nem sequer podiam comer, assim então começaram a vender. Contrário ao hábito de espoliar as pobres pessoas que trabalhavam em suas terras e não podiam honrar os pagamentos, seu pai deu-lhes certa margem e se estabeleceram novas formas de pagamento. A primeira opção não era uma solução viável a longo prazo, pois no final, eles mesmos se veriam arruinados quando não sobrasse ninguém para trabalhar em suas escassas possessões.

Liam era muito jovem quando começou essa grande crise, mas vivenciou o

desespero de seus vizinhos e a de seus próprios pais. Os ingleses os ignoravam e utilizavam suas desgraças como maneira de forçar o despovoamento. Ao final, desesperada, sua mãe pediu ajuda a uma amiga escocesa que havia se casado com um conde inglês. Engolindo o orgulho, McDougall pediu ajuda econômica para atenuar a desgraça de seu povo. O conde de Millent, ao contrário do que teria feito qualquer inglês com semelhante pedido, – e ainda mais vindo de um escocês – estudou com cuidado o assunto. Talvez tenha sido o empurrão de sua esposa, outrora escocesa, o que o decidiu, ou talvez só se tratasse de um ser humano ajudando outro, mas o certo é que lhes proporcionou muito mais do que alguém pudesse lhes ter dado.

Com isso, como era evidente, não ficaram ricos, mas lhes serviu para evitar as múltiplas perdas e estabelecer estratégias que os sustentaram e aos que trabalhavam suas terras. Cada dia apareciam novos conflitos que solucionar, mas haviam logrado manter-se flutuando, conseguindo que o povoado de Glenrow fosse próspero.

- Devemos muito a esse homem, filho – continuou Evan. – Por causa dele somos o que somos.

- E eu não o contesto – concedeu. – Mas, por que tem que ser eu o que paga por isso? Além do mais, você tem muito mais culpa em todo esse assunto. Faz tempo que aceitou o acordo e nunca me disse nada – soltou com rancor.

- Porque era o melhor a fazer.

- O melhor para quem?

- Para todos – sentenciou. – Graças ao conde de Millent ganhamos uma vida digna. O mínimo que posso fazer é ter como nora uma de suas filhas e esperar que meu filho se comporte como um homem.

Liam aprumou as costas ao se sentir atacado.

- Isso é um golpe baixo; – assegurou com acidez – até para você.

- Filho... - McDougall se negou a pedir desculpas. Necessitava que mudasse a sua atitude – inclusive vem com um dote substancial.

- Já que é tão feia, algo terá que dar – se deteve. Já haviam falado disso milhares de vezes. Discutir não levava a nada. – Não importa, sei que tem pés e mãos atados; e também sei que, segundo você, nos livramos bem desta dívida que jamais poderíamos pagar em troca somente de um casamento. Deixemos assim.

Mas Liam não podia evitar sentir-se enjaulado. Queria uma coisa muito diferente do que o esperava, mas não lhe restava opção além de aceitar; nem todos podiam escolher seu próprio destino.

Capítulo 3

- Isso não é uma casa, é um castelo!

A exclamação, proveniente de sua sobrinha Alana, a retirou de uma letargia auto imposta.

Os quatro ocupantes da carruagem assomaram às janelas para apreciar o que seria o novo lar de Deirdre. Fazia poucos minutos que haviam atravessado o pequeno povoado de Glenrow em direção ao lar dos McDougall e o que Deirdre ou qualquer dos demais esperavam era muito diferente daquilo que contemplavam; uma casa grande, sim, mas não esse bloco enorme de pedra cinza de até seis andares de altura, – se alguém prestasse bem atenção nas janelas – com uma torre semicircular no seu lado direito e com torres de vigia em parte do telhado. Por sorte, – embora não soubesse para quem – não havia fosso.

- 'Tia Di. – Esse era o diminutivo com que a chamavam todos os seus sobrinhos. – Se não quer ficar vivendo aqui, eu o farei em seu lugar – declarou Alana cheia de excitação por tamanho descobrimento. – Deve ser incrível viver aí.

- Sim – resmungou Deirdre sem afastar a vista da janela. – Incrível.

- Alana, sente-se e comporte-se – Cassandra, a irmã mais velha de Deirdre e mãe da jovem, a repreendeu. – É impressionante – disse, depois de dar uma olhada pela janela.

- E três vezes maior que a casa de papai – apontou Ernest fazendo cálculos. – Deve estar cheia de fantasmas.

Ante o repentino susto de sua filha, Cassandra deu tapinhas na mão de Alana e contrariou seu meio-irmão.

- Não há fantasmas – lançou a ele um olhar de advertência. – Não é, Ernest?

Por alguns instantes, Deirdre se desligou dos outros três e se permitiu contemplar novamente esse castelo. Seu pai não a havia informado desse pequeno detalhe sem importância, o que lhe fez perguntar-se que outras coisas ele havia resolvido não lhe explicar.

Considerava também que esse não era o melhor momento para se deixar vencer pelo desânimo. A velocidade da carruagem diminuía porque estavam chegando a seu destino.

A viagem até ali lhe havia parecido longa e cansativa. Como não podia deixar de ser, todos os membros de sua família haviam-se deslocado também, com a

intenção de estar presentes ao casamento – com exceção de seu irmão Andrew, que havia acreditado ser mais oportuno ficar em Londres com sua esposa Darleen, que se encontrava em avançado estado de gestação. Havia tomado um navio em Bristol com destino a Glasgow, assim evitavam fazer todo percurso em carruagem e demorar uma eternidade. Eram quatorze pessoas no total as que viajavam até Glenrow, – Cassandra, seu marido Mason e seus três filhos; seu irmão Robert com sua esposa Alexia e os trigêmeos de ambos; seu pai, sua madrastra, Ernest e ela. Evidentemente, o resto da viagem se fez de carruagem. Na que ela viajava iam quatro pessoas. Havia mais três adiante e a última, que servia para transportar a maior parte da bagagem dos membros da família.

Quando o solavanco se deteve, também o fez o coração de Deirdre. Não estava preparada para o final da viagem.

- Estão nos esperando – assinalou Ernest.

Era fácil distinguir a comitiva que esperava na grande arcada, que parecia ser a entrada principal do castelo.

- É uma lástima que não possamos nos por mais decentes antes de ser recebidos – lamentou-se Cassandra, ajeitando o penteado.

- Que importa a impressão que damos? Não é que tenham a intenção de me devolver à Inglaterra se não gostarem do que veem.

- Deirdre... - Sua irmã a advertiu. Embora Ernest estivesse ciente de como eram as coisas, sua sobrinha não o estava. Por sua pouca idade, não era necessário que o soubesse. Ajudaram-nas a descer e uma baforada de ar frio, seguida de outra ainda mais fria, lhes deu as boas-vindas.

Apesar do dia claro e ensolarado, todos estremeceram.

Deirdre se envolveu em sua capa e lamentou que fosse tão fina. Suspeitava que nem os mais cruéis invernos de Londres a haviam preparado para as baixas temperaturas das Highlands. Outro ponto negativo que acrescentar a esse absurdo e louco plano.

- Deixe de fazer bicos – indicou Cassandra, repreendendo-a.

- Não estou fazendo – protestou; ela nunca fazia bicos.

- Sim está fazendo, tia – confirmou Alana que, seguida de Ernest, se apressou em dirigir-se até seu pai e o resto dos tios, deixando-as sozinhas.

- Deirdre, por favor, mude essa atitude – suplicou com voz baixa.

- Por quê? – Sabia ser teimosa como ninguém.

- Por que não é uma menina, mas sim uma mulher. – Acariciou-lhe a face com carinho. – Sei que nesse momento lhe digo o que mamãe lhe diria se estivesse aqui. É forte e valente, e embora pareça que o destino quer acabar com você, o enfrentará como uma lutadora. Olhe, observe e saiba aproveitar – fez

uma pausa. – Papai e todos nós estamos orgulhosos de você. Não se comporte de forma que nos envergonhemos disso.

- É cruel. – Seus olhos estavam cheios de lágrimas.

- Não o sou. Sou contra isso, mas é algo que já não podemos remediar. Só quero que se comporte com a dignidade que a caracteriza.

- Que fazem as duas aqui? – Sharon as interrompeu. Percebeu a umidade nos olhos de Deirdre, mas se absteve de fazer ou dizer algo que agravasse seu estado. – É hora das apresentações.

- Coragem – sussurrou-lhe sua irmã.

Deirdre odiava tudo aquilo, mas colocou sua melhor expressão e foi diretamente aos anfitriões, que nesse momento falavam com seu pai.

O conde de Millent deteve sua conversa quando a teve a seu lado.

- Filha. – Segurou-a por uma mão, orgulhoso. – Deixe-me apresentá-la a Evan McDougall e a sua esposa Robina.

“ Ah, meus futuros sogros”, pensou.

Talvez nesse momento não fosse a mais objetiva de todas as pessoas, mas ele lhe pareceu demasiadamente aterrorizante e ela demasiadamente pequena. No entanto, se comportou com toda educação.

- Como está, senhor McDougall? – Dirigiu-se primeiro ao homem.

- Muito bem agora que a temos aqui. Não é assim, Robina? – Perguntou à baixinha e morena mulher que tinha ao lado.

- Sim, querido. – Esta lhe beijou a bochecha com efusividade e centrou toda sua atenção nela. – Nos alegramos muito que esteja entre nós. Meu filho aparecerá em um momento, mas antes deixe que a apresente a meus sobrinhos e parte fundamental da família, Edmé e Lorn.

Durante mais quinze minutos, Deirdre aguentou com estoicidade as apresentações de ambas as famílias enquanto ia se enfurecendo com o passar do tempo. Ao menos esperava desse grosseiro com quem ia se casar um mínimo de cortesia. Ela desejava esse casamento tão pouco como ele, mas merecia um pouco de respeito de sua parte. Sua evidente ausência era uma grave afronta.

- Mas, onde está o garoto? – A pergunta foi feita por McDougall, que começava a mostrar sinais de raiva, mas a resposta apareceu imediatamente quando um homem passou correndo aos tropeções pelo pátio.

- Liam! – Exclamou Robina.

O nome a alertou. A todos, deveria dizer. Nenhum membro de sua família parecia muito complacente pela grosseria do futuro noivo. Esse era com quem iria compartilhar sua vida? Deirdre o olhou melhor, mas era difícil ver muita coisa sob essa capa de sujeira com que ia coberto. Além do mais, fedía horivelmente.

- Filho, que tipo de espetáculo é esse? – A profunda voz de McDougall não soava entusiasmada.

- Lamento, papai, tive um problema – foi econômico em detalhes. – Mas se me dão um pouco de tempo para ficar decente...

Falou para todos os presentes, mas em uma fração de segundo, seus olhares se encontraram. Deirdre viu chegar a compreensão a seus olhos a respeito de sua identidade, assim como viu neles o mesmo que em outros muitos olhares: repulsa. Fiel a seu estilo, respondeu a ele como sempre fazia, com desprezo. Fitou-o de cima abaixo deixando claro o que achava de seu estado, revelando em seu rosto um vislumbre de menosprezo.

- Está sujo – exclamou seu sobrinho Jackson. – Puaj!

O comentário, feito pelo caçula de seu irmão Robert, os retirou do transe e o homem com quem se casaria em alguns dias bateu em retirada.

Houve murmúrios e desculpas pelo acontecido, mas como ninguém tinha intenção de anular o casamento, o qualificaram como um bobo incidente e se tentou esquecer.

Deirdre, por sua parte, pensava em como havia sido destruída a última e ínfima esperança que restava nela quando ele a contemplou. Em algum momento desde que soube sobre o casamento, permitiu-se imaginar que este seria diferente, que não ficaria atento somente a seu feio rosto e lhe daria uma oportunidade, – afinal de contas, seriam marido e mulher até o dia de sua morte – mas isso só a fez se sentir mais idiota que quando se apaixonou pela primeira vez e foi completamente ridicularizada.

- Encontra-se bem? – Sua cunhada Alexia, esposa de Robert, aproximou-se preocupada.

- Claro – fingiu um sorriso. – O que poderia ir mal?

- Querida Deirdre. – Sua futura sogra se aproximou, interrompendo-as. – Gostaria de ver seus aposentos para que possa descansar? Acho-a um pouco pálida.

- A viagem foi esgotante. – Alexia entrevistou por ela, desculpando-a. – Seria bom que se refrescasse.

- É claro que sim. – Nada agradaria mais a Robina que mostrar-se hospitaleira com a que ia se converter em sua nora. – Acompanhe-me.

Juntas entraram no castelo, porque a isso jamais se poderia chamar de casa. Subiram um sem fim de escadarias até se deterem ante uma porta. Quando passaram ao interior, surpreendeu-a uma ampla e ensolarada habitação.

- É linda – sussurrou maravilhada.

E dizia a verdade. De fato, era tão ou mais bonita do que a que lhe pertencia na casa de seu pai.

As molduras de madeira se mantinham brilhantes e cuidadas como se fossem novas. Os tons beges, salpicados de rosa intenso, – inclusive no grande tapete que abarcava quase a totalidade do cômodo – inundavam cada canto. A linda cama com dossel evitaria o intenso frio do lugar enquanto estivesse deitada; ajudada, isso sim, pela lareira, agora acesa. Sem falar que o detalhe da excelente penteadeira a encantava.

- Alegro-me que goste. – Robina assentiu satisfeita e fechou a porta. – Sei que por fora a casa pode parecer austera, mas não somos os bárbaros que os ingleses creem. Gostamos das coisas bonitas como qualquer um. Por isso tentamos manter nosso lar o mais bonito possível. Deleite-se e aproveite a solidão. Não tardará em compartilhá-la.

A inesperada referência ao matrimônio lhe havia tirado o sorriso, e Robina o notou.

- Já sei que tudo isso é muito precipitado e difícil de se acostumar. – Segurou-lhe as mãos. – Mas somos boa gente e estas são boas terras para viver e criar filhos. Não leve em conta a primeira impressão que Liam lhe causou. Dê-lhe outra oportunidade.

Era irônico que lhe pedisse isso tendo em conta que com ela os homens ficavam sempre com a primeira impressão.

- É claro – disse-lhe somente para tranquilizá-la. Bateram à porta e entrou uma criada jovem que vinha ajudá-la a se arrumar.

Embora estivesse ali contra a vontade, permitiu-se o luxo de se refrescar com tranquilidade. Também trocou o vestido de viagem por um mais apropriado e bonito na cor chocolate com franzidos nas bordas da jaquetinha e faixas de veludo marrom nas mangas e na saia. Quando estava pronta dispensou a donzela. Uma vez a sós, passeou o olhar pela habitação, ignorando o lugar onde estava colocada a cama. Não podia evitar pensar no que aconteceria ali em pouco tempo. Uma gritaria a distraiu e aproximou-se da janela. Seus seis sobrinhos, incluindo a pequena Patrícia, corriam extasiados pelo exterior perseguindo Ernest e sob o atento olhar da babá. Que maravilhoso poder desfrutar da infância! Por azar, ser mais velho nem sempre garantia a felicidade.

Imediatamente sentiu saudades de Andrew – seu irmão caçula, se não contasse com Ernest, seu meio-irmão. – Era ele quem sempre lograva fazê-la sorrir quando estava deprimida e era com quem mais havia convivido quando sua irmã Cassandra se casou com Mason e pouco tempo depois Robert fez o mesmo com Alexia. Agora todos estavam casados, inclusive sua amiga Camile. Quisera que a gravidez não a tivesse impedido de realizar esta viagem. Gostaria de tê-la consigo. Suspirou com chateação e se dispôs a pôr uma cara feliz quando a chamaram para se unir ao resto. Que ninguém dissesse que não houve

esforço de sua parte.

Capítulo 4

- Nos envergonhou. – Evan McDougall passeava furiosos pelo tapete que cobria parte da habitação de seu filho.

- Não seja tão exagerado, papai – retrucou enquanto terminava de pôr os sapatos. Antes havia tomado um banho para eliminar a sujeira que o cobria. – Só foi uma entrada um tanto... infeliz.

- O mínimo que lhe exigi era que estivesse vestido e arrumado para recebê-los, mas não, sempre tem que fazer sua santa vontade. O que aconteceu de verdade?

- Eh... - Pensou na briga e o mal humor voltou, mas recordar como Clifford ficou o fez sentir-se muito melhor. – Tive uma pequena diferença com Clifford.

- Outra vez? McDonald elevou a voz. – Estou farto de repetir; deixe-o em paz ou esta disputa terminará pior do que como chegou hoje.

- Merecia-o – acrescentou.

Clifford era um vizinho e uma constante espinha em suas costas. Jamais haviam sido amigos, mas rivais, fosse por quem subia na árvore mais alta, pela atenção de alguma jovem ou pela aquisição de uma parcela de terra. Não era a primeira vez que chegavam aos tapas e, apesar de serem ambos dois homens adultos, essas brigas eram muito boas.

- Liam, deixe de agir como um menino. O mais importante era que estivesse presente quando nossos convidados chegaram.

- Tem razão. – Fez uma careta quando recordou o momento em que a viu – Mas assim me poupei estar mais que o devido com minha noiva. É realmente feia.

- Liam! – Brigou seu pai.

- Não estou dizendo mais que a verdade – declarou. – É inclusive mais feia do que você falou.

- Pois está a ponto de se converter em sua mulher; – espetou seu pai – e espero não ter que lhe chamar a atenção sobre isso. Seu dever é agradar sua família e comportar-se com ela com a educação e o respeito que merece.

- Certo...

- Ela não tem culpa de ser como é. – Aproximou-se da porta. – Concentre-se nas coisas positivas que veja nela e trate de não nos envergonhar. Espero-o abaixo, não demore.

Liam ficou sozinho e abotoou a jaqueta. Odiava ter que se vestir como se estivesse na cidade. Além disso, tudo era por causa... dela. Recordou sua expressão de desdém quando o viu todo sujo e asqueroso mas, quando o visse de novo, não faria essa cara. Não havia dúvida alguma do quão atraente podia parecer para as mulheres e ela não seria a exceção. A inglesa teria que lhe beijar os pés de puro agradecimento por ter a oportunidade de unir sua vida a um bom moço como ele. Talvez seu olhar altivo só fosse uma forma de se proteger. Talvez fosse uma garota simples, com pouca autoestima ou uma simplória que poderia manejar à vontade mantendo-a reclusa em casa, permitindo-se assim esquecer que estava unido a ela até o fim de seus dias.

Bom, melhor seria que aparecesse antes de acabar ofendendo de forma definitiva a sua família por casamento e que esta fizesse algo drástico, como obrigar seu pai a devolver tudo que haviam emprestado.

Encontrou-os no salão principal, ao lado do fogo. A tarde começava a cair e, embora estivessem na primavera, quando o sol se punha o frio impregnava cada canto. A família de sua futura esposa era numerosa em comparação com a sua, e isso porque sabia que nem todos estavam ali.

Por sorte, ninguém o havia visto entrar ainda, assim podia ver sem que reparassem nele. Alguns falavam com os demais de forma relaxada, como se se conhecessem há muito tempo, mas o que lhe chamou a atenção foi ela. Estava de pé ao lado da lareira, conversando animadamente com sua prima Edmé e outra mulher. Desta vez a olhou detidamente. Seu rosto continuava sendo tão feio quanto o havia visto anteriormente. Seu nariz era muito comprido e pontiagudo, o que permitia supor uma visão dela na velhice: pareceria uma bruxa. O resto da cara tinha um efeito estranho e não sabia ao que era devido, mas produzia um efeito pouco elogiável. Não podia ver seus lábios nem seus olhos dessa distância, mas duvidava que fossem especiais. Olhando detidamente podia assegurar, isso sim, que sua figura era arredondada onde devia e seu peito sinuoso era estimulante, mas não o suficiente para chegar a esquecer seu rosto. Como alguém podia pensar sequer em beijá-la? Sem falar no desejo; ela não o despertaria nem no mais feroso e predisposto dos homens.

“Santo Deus”, pensou de repente. “Como farei na noite do casamento?”

Faltou pouco para que sentisse náuseas. Teria que fazê-lo muito rápido e com ausência total de luz. Uma virgem notaria sua evidente falta de excitação? Temia ter que fingir prazer, mas não tinha a mínima ideia de como fazê-lo. Teria que encontrar alguém com quem falar sobre isso.

Farto de seus deprimentes pensamentos, adiantou-se para chamar a atenção. Ignorando-a com total deliberação, aproximou-se do que em poucos dias seria seu sogro.

- Desculpe-me o atraso. – Ofereceu seu sorriso mais deslumbrante e apertou a mão do homem. – Espero que, apesar do espetáculo que dei, tenham se sentido bem-vindos. – Entoar um “mea culpa” sempre era uma boa estratégia.

Nesta ocasião não foi menos eficaz e o conde de Millent aceitou as desculpas.

Em seguida foi apresentado à condessa, aos filhos, noras, genros e demais, deixando sua noiva para o final.

- Lady Deirdre. – Segurou sua mão enluvada e depositou no dorso um beijo formal. Quando lhe fitou a cara, se felicitou por conseguir manter-se imparcial. – Espero que a viagem não a tenha fatigado. – Absteve-se de fazer algum comentário mais por medo de deixar entrever sua falsidade.

- Talvez um pouco, mas já estou recuperada. Grata pelo interesse, senhor McDougall.

- Bom, já basta de tantas formalidades. – Evan McDougall interveio. – Creio que se ninguém tem nada contra, dadas as circunstâncias, podemos nos tratar informalmente. – A maioria assentiu. – Filho, por que não a leva para dar uma volta pela sala e começam a se conhecer?

Estava claro que seu pai o fazia com boa intenção, mas Liam não tinha vontade de fazer isso.

- É claro – disse, em troca.

Ela segurou com docilidade o seu cotovelo, o que o fez pensar novamente que talvez fosse uma esposa manobrável.

Ambos fizeram um passeio obrigatório ao redor da sala enquanto eram observados pelos familiares que conversavam amigavelmente esperando que, por algum milagre, isso lhes servisse para aproximarem-se.

- Talvez devêssemos falar de algo – disse Liam depois de um tempo em que nenhum dos dois dissesse algo.

- E para que isso? – Perguntou ela. Os dois olhavam para a frente e mantinham um ritmo moderado de passeio.

- Porque isso é o que se espera de nós.

- E sempre faz o que se espera do senhor, senhor McDougall?

- Liam – corrigiu-a. Quando o chamava por senhor fazia-o parecer seu pai. – E não, nem sempre o faço.

- E por que sim nessa ocasião?

- Não sei – admitiu com franqueza. – Talvez não goste de passar uma hora dando voltas sem trocar uma palavra. Não concorda?

- Talvez, mas talvez estivesse mais receptiva se não me obrigassem a isso.

Que ela se sentisse tão aprisionada como ele não o consolava; e muito menos o fazia esquecer sua aparência.

- O que a faria sentir-se melhor, então? – Tentou ser amável. Afinal de

contas, era um cavalheiro.

- Oh, – parecia que ela pensava nisso – talvez um elogio.

- Um elogio? – Perguntou surpreendido. Esperava qualquer coisa menos isso.

- Sim. – Deirdre deu um meio sorriso. – Que dissesse algo bonito sobre mim ajudaria a me levantar o ânimo.

A descarada... Liam estremeceu. Com toda certeza, estava rindo dele. Um olhar pelo canto do olho o confirmou. Como podia elogiá-la sem ofendê-la e sem que tivesse consequências? Seu aspecto não ajudava e não a conhecia o suficiente para exaltar sua forma de ser. Decididamente, a garota tinha uma veia malvada. Assim se esfumavam suas esperanças de obter uma esposa dócil e manejável.

- Isto... pois... - Não lhe ocorria nada. – Seu, seu...

- Meu o quê? – Perguntou ela.

- Tem o porte de uma rainha – murmurou desesperadamente. Só quando o disse notou a surpresa dela. Felicitou-se. Havia se saído bem, não era? Agora era sua vez de pressioná-la. Teria sua vingança. – Creio que, já que estamos nos conhecendo, poderia me devolver o favor. Eu também gostaria de escutar algo agradável sobre minha pessoa.

Ela o faria facilmente, mas não se tratava disso, mas sim de a colocar em um aperto e obrigá-la a fazer algo que não desejava. Deirdre não tinha mais opção que elogiar sua aparência. Que diria? Talvez se referisse a sua masculinidade. Não, muito descarado. Talvez manifestasse devoção por seu aspecto varonil, ou inclusive podia decantar com louvor seu rosto masculino e atraente...

- Sua inteligência é a melhor prova de que Deus tem senso de humor.

Liam quase se deteve. Acabava de ser insultado? Não sabia se ria pela habilidade que ela havia demonstrado para camuflar um insulto dentro de um elogio ou se se enfurecia por isso. Com certeza, não havia feito menção alguma a seu aspecto físico. Seria por casualidade? Não teve tempo de pensar muito nisso, já que a senhora Daniel, a governanta, acabava de entrar anunciando que a ceia estava pronta. Portanto, se uniram ao resto e se dirigiram à sala de jantar.

Nos dias seguintes Deirdre não teve tempo nem de pensar. Apesar do pouco tempo que tinham os McDougall e os Millent para prepararem a cerimônia e da viagem necessária para fazer tudo perfeito, os primeiros já tinham organizado o banquete com o menu, o padre tinha a permissão para casá-los e a decoração da igreja estaria a cargo das mulheres de Glenrow. Até o vestido estava quase pronto. De seda rosa e decote quadrado, não desmerecia a nenhum outro feito para semelhante ocasião. Deirdre não haveria escolhido as mangas abertas que caíam livres nem os debruns na parte baixa da saia ou o corpete, mas continuava

sendo igualmente lindo. Mesmo os sapatos que combinavam, de couro e seda, eram perfeitos.

Durante os preparativos não havia feito nada, mas era requerida para supervisionar tudo e dar sua aprovação. Como se isso a envolvesse mais. Se tivesse sido um casamento normal, teria se lançado nele com alegria e sem controle, mas não havia nada entre os noivos: nem amor, nem afeto. Nem sequer assuntos comuns de que falar.

Assim seria sua vida? Perguntava-se com certo desespero. Esse tédio e indiferença por tudo? Ninguém podia negar que se esforçava para aproveitar. Inclusive, nos momentos livres, a obrigavam a dar passeios denominados como “do casal” com Liam, mas nenhum dos dois dizia muito. Essas caminhadas unicamente serviam para observar ao redor e ser apresentada como a futura senhora de Liam McDougall às pessoas que trabalhavam para eles e aos vizinhos do povoado.

A paisagem, devia reconhecê-lo, era majestosa, verde e limpa, mas tão pobre que dava vontade de chorar. Deirdre estava acostumada ao luxo e à abundância, mas havia famílias que, por seu aspecto e o de suas casas, delatavam sua condição mais que humilde.

- Isso é tudo o que conseguiu com o dinheiro que meu pai deixou para você?
– Perguntou ela em sua ignorância no dia do casamento.

Liam pareceu surpreso com a pergunta e demorou tanto tempo para responder que pensou que não o faria.

- Sem esse capital, – disse por fim – não haveria nada. Foram alguns anos ruins. Dos piores. Nos serviu para pagar dívidas, manter o pouco que restava, comprar o que necessitávamos e estabelecer uma estratégia que permitiu aos McDougall e sua gente sobreviver. – Deteve seu passo e observou alguns homens arando a terra enquanto outro dava comida aos animais. – Tiveram que passar anos para que os pastos chegassem a ser o que são e obter lucros.

- Mas é que parecem tão pobres... - lamentou-se.

- E o são; mas também o somos. – Fitou sua face. – Não se engane; embora pareça que vivemos melhor que eles, todos os meses fazemos malabarismo para obter ganhos que nos permitam seguir adiante. Somos mais favorecidos, sim, mas pagamos um preço.

- Isso o que você faz a cada dia? – De repente estava interessada. Havia muitos desafios e queria colaborar. Talvez sua vida não fosse tão aborrecida, afinal de contas.

- Mais ou menos – disse, esquivando-se de algumas fezes em decomposição que havia no meio do caminho.

- E o que eu farei? – Já quase sentia nos dedos a emoção de fazer novas

coisas.

- Você? – Fitou-a com estranheza. – Deve ficar em casa com minha mãe fazendo o trabalho, preparando cardápios, lavando, cuidando de nossos filhos... Coisas assim. Esse é o trabalho de uma esposa, não?

Deirdre não teria ficado mais estupefata se alguém tivesse dito que afinal seria a amante de um rei. Tinha se preparado toda sua vida para fazer tudo isso, mas de repente, sentia que queria mais.

- Isso é o que sua mãe faz? – Pôde finalmente articular.

- Essencialmente, sim.

Assim então, depois de tudo, acabaria sendo a criada de seu marido. Nem querida, nem respeitada e nem, muito menos, valorizada. Encerrada nesse bloco que chamavam casa e vendo a vida passar. Não. As coisas haviam chegado demasiado longe. Talvez até agora não houvesse controlado muito o seu destino nem querido participar dele de forma ativa, mas isso acabava aqui e agora. A partir desse momento, voltava a segurar as rédeas, direcionando ao caminho por onde desejava ir. Trabalho de esposa? Já iria saber, todos iriam saber.

Longe do que alguns poderiam acreditar, não pensou em fugir. Bom, talvez sim, mas só por um momento. O importante era se reunir com seu pai. Necessitava falar com ele, a sós.

- Qual a razão de tanto mistério? – Perguntou este quando quase o arrastou a uma salinha privada. – Não estará procurando novamente que mude de opinião? Porque se for assim...

- Não – cortou-o. – Não é isso. Quero fazer-lhe uma pergunta.

O conde não se sentiu mais tranquilo por isso. De fato, ocorreu-lhe que ela poderia querer saber certas coisas um tanto incômodas de contar a uma filha e que aconteciam na privacidade da alcova.

- Eu... Isto... Eh – pigarreou incômodo. De imediato, o nó da gravata o apertava. – Deirdre, talvez queira falar disto com Sharon.

- Com Sharon? – Estranhou. – Para que iria querer falar disto com ela? Como meu pai que é, e especialista no assunto, é seu dever resolver minhas dúvidas. E dar-lhes solução, devo acrescentar.

- Que sabe você se sou ou não sou especialista em algo? Se alguém esteve falando com você... - O pobre homem suave. – Realmente creio que deve falar com Sharon.

Deirdre não sabia de que diabos seu pai falava. Duvidava que sua madrasta tivesse algo que dizer ou fazer sobre essas questões.

- Papai...

- Não! Quando uma jovem como você tem dúvidas sobre como... isto, a

noite de núpcias, – quase se engasgou ao dizê-lo – o mais conveniente é ter uma conversa de mulher para mulher. Se me permite falar com Sharon...

Noite de núpcias!? Se o assunto não se revestisse de tanta gravidade, Deirdre começaria a rir. De fato, o lábio tremeu numa tentativa de dominar seu divertimento. Seu pai pensava que ela queria saber sobre o que acontecia entre um homem e uma mulher!

- Papai, não é disso que quero lhe falar.

- Eh, não?

Deirdre negou com a cabeça.

- Trata-se de meu dote.

- Seu dote? – A mudança de assunto lhe pareceu tão brusca que Robert Doyle piscou perplexo.

- Sim. Não terá assinado os documentos ainda, não é?

- Que classe de pergunta estranha é essa?

- Uma muito importante. Você se limite a responder.

- Deirdre, isso são coisas de... - Deteve o que ia dizer ao ver a cara de sua filha. – Está bem. Não; precisamente devo me reunir no final do dia com Evan para fazê-lo.

- Excelente. – Sorriu de puro alívio. Não estava tudo perdido. – E a quem cede o controle de meu dote?

- Filha, que pergunta tão estranha. Pois a seu marido, é claro.

Sim, era lógico. Passava do jugo paterno ao do marido. Nunca o havia questionado. As coisas se faziam assim e pronto, mas era algo muito injusto para as mulheres, agora percebia. Por quê devia um homem controlar algo que lhe pertencia? Era como se não valesse nada e o pai tivesse que oferecer dinheiro para tirá-la de suas mãos. E se a mulher em questão queria fazer uso desse dinheiro... Pois sim. Que o suportasse. Se tivessem sorte podiam receber uma pequena mesada para suas despesas. Mesada? Hum! As tratavam toda sua vida como meninas idiotas incapazes de controlar seu destino.

Ia demonstrar como se faziam as coisas.

- Papaizinho. – Aproximou-se com lentidão a ele e se pendurou em seu braço. – Ama-me?

A pergunta, como era evidente, desconcertou o conde de Millent.

- É claro. É um sol para mim – apressou-se a responder.

Deirdre sentiu-se satisfeita, mas não o deixou perceber. No momento estavam bem.

- E se pudesse me compensar por tudo isto do casamento forçado, – suavizou – o faria, não é?

- Claro, filh... - deteve-se de imediato, desconfiado. – Aonde quer chegar

com isso?

- Quero ter o controle de meu dote – soltou à queima-roupa. Era inútil seguir com o fingimento.

- E por que deseja isso? Estava estupefato. – É extremamente inusitado. – De repente teve um pensamento arrepiante. – Se o que quer é fugir, pode ir se despedindo da ideia.

- Não seja tão estúpido, papai. O que acontece é que descobri que a Escócia é diferente de Londres. Espera-se que eu seja costureira, lavadeira, cozinheira, mãe e criada, e muito temo que acabarei completamente louca se for assim.

O pai se apiedou dela. Sua filhinha já havia tido que suportar o suficiente.

- Sabe que um marido na Inglaterra teria sido o mesmo? – Indicou com suavidade.

- Talvez – concedeu. De fato, sabia que seria assim – mas ao menos teria amigas com quem me reuniria, sairia para compras, bailes... Se me dá o dinheiro, terei o controle sobre minha vida; ou ao menos poderei modificá-la segundo o que creia conveniente.

- Não estou seguro disto...

- Por favor, papai – suplicou; e ela quase nunca o fazia. – Eles se livraram bem de uma situação graças a sua generosidade. Com apenas um casamento, pum! – Estalou os dedos – assunto resolvido. O lógico seria que, se não podem compensar-lhe de forma econômica, aceitem que eu possua o controle de meu dote. É justo, não é?

Robert Doyle fitou a resolução de sua filha. O que havia exposto não carecia de sentido. Se ao menos pudesse lhe dar uma alegria...

- Está bem, - cedeu – mas não os agradará.

Deirdre o abraçou com alegria e o encheu de beijos.

- Todos teremos que fazer alguma concessão – disse por fim. – Não é justo que eu faça todas elas. Promete que não cederá?

O conde se sentia culpado e, embora acreditasse estar fazendo o mais correto para sua filha, agarrou-se a essa última cartada que ela lhe oferecia para fazer as pazes.

- Prometo-o.

Capítulo 5

- Até quando terei que aguentar? Liam se lamentava furioso; furioso com seu pai, com o maldito conde e com a amaldiçoadamente astuta filha.

- Não sei, filho. – McDougall havia esperado para revelar a notícia sobre o dote de sua futura nora por simples prudência; e o melhor momento era pouco antes da cerimônia de casamento, enquanto ajeitava as pregas no ombro de seu filho e firmava o broche.

- Não compreendo. – Liam se fitou no espelho e este lhe devolveu um reflexo desalentador. – Por que aceitou esse acordo?

- Porque era justo. Olhe filho, eu tão pouco estou contente com isto, mas a garota tem intenção de cumprir o acordo. Renunciou a muito mais do que todos: longe do país em que sempre viveu, longe da família e amigos, inclusive do estilo de vida ao que está acostumada. Além do mais, não estamos em Londres, portanto, com toda probabilidade, não gastará esse dinheiro em banalidades.

- Com toda probabilidade – repetiu mordaz. – Espero não ter que acabar tendo que suplicar-lhe por esmola.

- Filho...

- Já estou pronto – cortou-o furioso. – Diga a mamãe que já pode começar com todo esse teatro.

O resto do dia, que deveria ter sido um dos mais felizes de sua vida, o passou em branco. Para sua incredulidade, ambas as famílias pareciam exultantes, assim como estariam se toda essa farsa fosse verdadeira. No princípio, sua família por casamento havia se surpreendido pelo traje masculino dos McDougall. Todos usavam os *tartans* e *kilts* com a cor original do que em seus dias foi um clã com nome importante – em laranja e com listas horizontais e verticais em verde, violeta e cinza. – Agora já fazia quase três gerações que não era a vestimenta comum dos escoceses, mas havia-se convertido no traje simbólico nacional da Escócia. Muitos deles seguiam utilizando-o em festas e comemorações especiais. Tanto seu pai como ele, Lorn e o marido de Edmé, usavam o *kilt* com um cinturão e o *tartan* acomodado na parte superior do corpo, preso com um broche prateado no ombro esquerdo.

Passada a novidade e durante a festa que seguiu à cerimônia, sua atenção se centrou em sua esposa. Ignorou o estremecimento que o percorreu, pois já não

havia remédio. Estava casado; e com uma mulher com uma boa aparência, devia acrescentar. O vestido de noiva acentuava suas curvas onde era necessário. A faixa de tecido que usava na cintura, estreitava-a até limites impossíveis, e o coque de seu penteado, que lançava lampejos avermelhados, deixava à vista um esbelto pescoço e uma garganta que descia até esses peitos eretos e cheios. Lástima por seu rosto. Lástima, lástima, lástima. Era uma pena que o rosto fosse a primeira coisa que viu. Tirava-lhe todo o interesse do resto.

Agora, Deirdre falava com sua mãe e outras matronas, mas não sorria. Em honra da verdade, a atitude de Deirdre não havia sido muito diferente da sua. A estas alturas do dia podia afirmar que não a havia visto sorrir em nenhum momento. Havia se mostrado, isso sim, muito educada com todas as pessoas do povoado que assistiram à cerimônia e que lhe desejaram toda a felicidade do mundo. Na realidade, não teria sido tão ruim, excetuando o maldito momento do beijo. Agora mesmo não recordava nada, nem seu tato, nem seu sabor... Havia ficado tão concentrado em não demonstrar repulsa que havia se esquecido de sentir. Dentro de pouco seria a hora de se retirar e tinha um medo atroz. Que iria fazer? Sentia-se como um mártir; fazendo sacrifícios pelo bem da família.

Também estava muito consciente do rancor que sentia contra ela por convencer a todos para ter o controle de seu dote. Necessitavam tanto do dinheiro... Acaso ela sabia o que se poderia fazer na casa e nas terras com essa fortuna? Sem sombra de dúvidas, não era a mesma quantidade que o conde de Millent emprestou a seu pai, mas para eles continuava sendo muitíssimo dinheiro.

- Deveria tirá-la para dançar.

A voz sensual de sua cunhada o arrastou ao presente.

- Como disse? – Liam não se cansava de olhar para Cassandra; não que fosse arrebatadora, mas era bonita. Por que não ela? Era uma pena que já estivesse casada.

- Digo, que deveria tirar Deirdre para dançar, - repetiu – mas depois que me afaste daqui para que não suspeite que eu o sugeri.

- Acredita que quererá? – Liam não achava isso tão óbvio.

- Acredito que sim – assegurou. – Minha irmã adora dançar; não importa o lugar, e sim aproveitar qualquer desculpa para fazê-lo. – Sorriu-lhe e ele se sentiu amaldiçoado novamente quando não pôde evitar de comparar as irmãs.

- Não parece ser das românticas. – Na realidade, não havia pensado nada dela. Até agora não havia lhe importado o suficiente.

- E você não parece um grosseiro insensível.

“Touché”.

- Creio que mereço esta reprimenda.

- Pois é claro que a merece. – Soltou um bufar exasperado pouco apropriado para uma dama. – Olhe, sei que todos lhe disseram até demais que isso é o que tem que aceitar, mas creio que não parou para pensar que o que você acredita que é uma desgraça, é o mesmo para ela, embora seja para cada um por motivos diferentes. Ou faz uma tentativa de sua parte ou sua vida pode chegar a ser “muuuito” difícil.

- Ainda mais? – Soltou sarcástico sem afastar o olhar de sua esposa, que seguia conversando.

- Acredite-me, quando minha irmã se sente ofendida ou ferida pode chegar a ser muito cruel.

“ Mais cruel que obter o controle de sua herança? ”.

- Acredite-me, faço uma ideia aproximada.

- É teimoso – declarou. – Por desgraça, não mais do que ela. Espero que esse casamento não acabe com ambos. Recorde meu conselho. – Afastou-se dali aproximando-se de seu marido, que a esperava com um enorme sorriso.

Apesar dos bem-intencionados conselhos, fez caso omissos deles. Manteve-se afastado de Deirdre o quanto pôde e, se alguém pensava que era muito estranho para um recém-casado, era problema seu.

Depois de beber muito e comer pouco, chegou o maldito e temido momento. As mulheres, com alegria, festa e malícia, levaram a sua ruborizada esposa até seu quarto. Ele vislumbrava o que deveria estar acontecendo lá, enquanto ficava na sala de jantar com os homens e era alvo de uma ou outra brincadeira acima do tom e de um ou outro conselho malicioso.

Quando as damas apareceram novamente, foi a vez deles percorrerem o mesmo caminho, que o levaria até seu leito nupcial.

Liam sempre havia acreditado que manter a tradição desse antigo ritual era encantador; até esse momento, em que o achava carente de toda graça e até ofensivo.

A porta da habitação se fechou às suas costas com ele dentro. Enquanto isso, ouvia as risadas abafadas que já se afastavam. O local estava iluminado por velas e um leve perfume flutuava no ambiente. Na lareira, o fogo ardia.

Evitou olhar para a cama, na qual, certamente, sua esposa o esperava.

- Você consegue, você consegue – recitou em voz muito baixa.

Tirou toda a roupa sem falar. Devagar, sem pressa. Ela tampouco disse algo e ele o agradeceu. Talvez, se continuassem assim, podia fechar os olhos e imaginar esse sugestivo corpo com um rosto diferente.

Meteu-se na cama tal qual veio ao mundo, mas quando levantou os lençóis, em lugar de encontrar uma virgem vestida por completo e com os olhos

fechados, topou com uma mulher bem desperta e com os olhos bem abertos, envolta em uma camisola de seda e com uma cascata de reflexos avermelhados que acariciavam seus ombros e seu peito.

“Deveria haver imaginado”.

- Há algo que goste? – Tentou provocá-la para disfarçar sua reação. Se não fosse pelo eterno detalhe de seu rosto, seu sinuoso corpo já teria conseguido uma reação. Deirdre não respondeu e Liam suspirou. – Sabe o que vai acontecer agora, não é? – Perguntou-lhe. – Se não falar vou pensar que o gato comeu sua língua.

- Sim, eu sei – respondeu sua esposa por fim. – Não sou idiota. Com certa idade há coisas que se sabe.

Era a última coisa que Liam pretendia escutar e por um instante o desconcertou.

- Com certa idade? Não sei se entendi bem. É virgem, verdade? – Só faltaria que já estivesse desonrada.

- É claro! – Deirdre se incorporou com um tom ofendido que não deixava lugar a dúvidas. – O que quero dizer é que quando se é uma debutante e se está no mercado matrimonial, há certos temas que são tabus, mas quando alcança certa idade sem chegar aos laços do matrimônio, se permitem certas... licenças.

Para sua surpresa, ficou curioso.

- Como quais?

- Pois há as conversas entre as mulheres casadas. Falam entre elas do que fazem com seus maridos, amantes... Já o sabe. Como já dão por certo que jamais me casarei ou que já resolvi nesse sentido minha vida de solteira, se mostram mais comunicativas e explícitas. Além do mais, me permitem ler certos livros aos que de outra forma não poderia ter acesso.

- Está falando de livros eróticos? – Para seu assombro, Deirdre se ruborizou. Pensava que ela fosse incapaz disso. Mas teria sido melhor que não o tivesse visto. O efeito visual não era muito favorecedor. – Leu muitos?

- Alguns poucos – afirmou com certa imprecisão, o que despertou ainda mais sua curiosidade.

- Não sei se serão muito confiáveis. – Ele, por sua parte, nunca havia levado isso em consideração. Nem sequer lhes havia dado um rápido olhar. Agora o lamentava. – Mas creio que estamos nos desviando do propósito de tudo isto.

- Oh.

- Não estará nervosa?

- Um pouco. – Sua sinceridade lhe arrancou um rápido sorriso. – Mas você é o especialista, então...

- Um momento – temia perguntar. – O especialista?

Deirdre o fitou como se o que acabasse de dizer tivesse todo o sentido do mundo.

- Bom, deduzo que não é sua primeira vez. – Inclinou-se para se apoiar sobre um cotovelo enquanto a bochecha descansava na palma de sua mão. – Nunca ouvi que a primeira noite com a esposa seja a primeira de algum homem. – Fitou-o com interesse. – Ou estou equivocada?

- Isto...eh... não posso falar por todo o gênero masculino em geral, embora tampouco acredite que seja o tema mais adequado para falar com você; nem agora nem nunca.

- Por quê?

Liam meneou a cabeça com desgosto. Parecia interessada de verdade e ele não sabia o que responder que fosse suficientemente seguro para seus ouvidos. Por outro lado, era muito consciente de que essa conversa – apropriada ou não – permitia-lhe evitar o temido momento, ou ao menos prolongar o inevitável.

- Então... porque é uma mulher. Por isso! – Resmungou.

- Ah, é claro. Deirdre assentiu, como se Liam acabasse de lhe confirmar suas mais profundas teorias. – Este é mais um exemplo de que a mulheres e a homens não se julgam pelo mesmo padrão. Nós temos que chegar intactas e puras ao casamento e vocês não. Então, o que há de mal em falar de sua experiência com outras...?

- Já basta! – Cortou-a. – Não quero continuar falando disto. Concentremo-nos no que é de nossa obrigação.

- Que é...?

- Não se faça de tonta comigo – a admoestou com azedume. – Sabe a diferença entre ter sexo e fazer amor? – Perguntou-lhe à queima-roupa. Que ele fosse incapaz de sentir paixão ou amor por ela, não anulava o fato de que ela sim podia senti-lo. Não a queria apaixonada e suspirando em cada canto, razão pela qual devia deixar as coisas claras.

- Basicamente.

- Nós não estamos apaixonados – esclareceu, para evitar confusão.

- Em um segundo, a sobrancelha direita feminina se elevou com zombaria, como querendo dizer, “Não? Sério?”.

Liam apertou os dentes e se armou de paciência.

- Obrigada pelo esclarecimento. – Deirdre ria dele. – Por suas palavras, deduzo que vamos praticar sexo em vez de nos amarmos como dois pombinhos. É isso que quer dizer?

- Sim, mas nesse jogo, o amor não tem que ser um participante presente. Nem sequer a paixão.

Fitou-a para saber se sua esposa entendia onde queria chegar. Ela se limitou a

um sucinto assentimento de cabeça. Em outras circunstâncias, ainda mesmo sem amor, Liam teria se esmerado em oferecer a Deirdre uma demonstração das maravilhas da paixão. Agora se sentia incapaz de lhe dar prazer. Só queria fazer o necessário, o mais rápido possível, para passar pelo mal momento e poder seguir com sua vida.

- Você me explica o que tenho que fazer – respondeu Deirdre.

- Não tem que fazer nada. – Esperava que engolisse a mentira. – Deixe comigo. Me permitirá?

- Que remédio – respondeu sofrivelmente. – Agora sou sua esposa, minha missão é obedecê-lo.

- Não sei porque não acredito em nada do que diz, mas... bem. Deite-se.

Quando Deirdre o fez, Liam afastou os lençóis e olhou a camisola de sua mulher. A luz de alguma vela disposta de forma estratégica somada ao resplendor do fogo da lareira tirava da roupa esse branco ofuscante que tanto detestava. Agora parecia mais de cor de bronze. Inclusive com todos os bordados e rendas no pescoço, decote e punhos, longe de mantê-lo frio, o subjugava. O tecido parecia marcar o lugar onde se aliviaria. Insinuar em lugar de esconder.

“Malditas camisolas nupciais”.

Tampouco ajudava contemplar esses diminutos pés, que sobressaíam pela borda do tecido e se moviam demonstrando nervosismo.

Havia-se prometido evitar transmitir qualquer demonstração de repulsa, mas de jeito nenhum compreendia o incontável bater de seu coração contra seu peito ao contemplar um corpo envolto em um pedaço de tecido, – delicioso, certamente – mas tecido afinal de contas.

Piscou para se concentrar e estirou a mão para acariciá-la por cima da roupa. Notou um leve estremecimento em Deirdre, mas não se deteve. O corpo feminino parecia esbelto e firme ao tato. Passeou suas mãos pelos braços e ombros. Com seus dedos Tateou o decote e a plenitude de seus seios, para baixar por seu quadril, coxas apertadas e pernas esbeltas. Quando acariciou um dos pés, um sonoro suspiro escapou de sua esposa.

Num arroubo e com toda paciência do mundo, levantou a suave roupa até a cintura, mostrando a região íntima de seu corpo que escondia seu segredo melhor guardado, um que ele estava a ponto de descobrir. Engoliu em seco.

Por um instante dominou-o a imperiosa necessidade de contemplá-la em todo o seu esplendor, por isso subiu todo o resto da roupa e tirou de cima. E ali, fitando-a boquiaberto, terminou de se evaporar seu tão necessário controle. Deirdre tinha um corpo perfeito. A um simples olhar parecia tão simétrico e proporcional como uma escultura de alabastro. Linhas retas e curvas que se

fundiam em uma pele livre de imperfeições e que o atraía tal qual o canto de uma sereia. E seu odor... Não o havia notado antes, mas ao liberá-la da roupa, suas fossas nasais se impregnavam de uma essência impossível de engarrafar em um frasco: metade inocência, metade desejo. Morreria para saboreá-la.

Surpreendido por causa dos seus pensamentos, por seu inicial frenesi, afastou-se um pouco dela. Manteve-se determinado a não fitar seu rosto para evitar que seu inesperado desejo se extinguísse, mas esse corpo o chamava e o tentava, por isso não pôde evitar voltar a se aproximar e afundar seus lábios nessa quente e aveludada pele.

Pouco depois tateou o centro de sua feminilidade. Deirdre já estava preparada, mas para sua completa estupefação, ele também. Um gemido saiu de sua boca quando afundou os dedos em sua cálida e acolhedora umidade, a qual lhe indicou que, longe de sua intenção inicial de se manter impassível, havia se excitado. Para evitar envergonhar-se ante si e ante Deirdre e sem mais preâmbulos, se colocou entre suas pernas e tentou penetrá-la com toda a delicadeza de que era capaz para assim terminar com esse despropósito.

- Dói – gemeu ela.

- Tente relaxar; é muito estreita e não me facilita a tarefa.

Sua afirmação não era de todo verdadeira. Uma parte de seu cérebro compreendia que uma maior atenção a seu corpo e às necessidades femininas de sua mulher teria ajudado ao ato em si, mas o controle havia se desvanecido ao notar como ela o absorvia. Só queria empurrar e chegar à liberação.

Notou a ruptura do hímen. Deirdre ficou tensa e lançou um pequeno grito de dor, por isso se manteve o mais quieto que seu desejo lhe permitia, ainda que contra o que desejava na realidade.

- Está melhor? A dor diminuiu? – Notou seu assentimento mais que o viu, mas não se permitiu distrações e se pôs a acelerar o ritmo até que já não aguentou e explodiu nela.

Minutos depois se estendia a um lado depois de cobrir o corpo de Deirdre e o seu. Tinha a persistente sensação de ter percorrido muitas milhas correndo, mas satisfeito. Se isso acontecia quando se sentia desgostoso com sua mulher, não queria imaginar o que sentiria se ela o agradasse de verdade.

- Está bem? – Perguntou. A voz sonolenta ressoou pela habitação.

- Muito bem.

Gratificado por ter passado com êxito por esse problema e sonolento pelo desejo satisfeito, não chegou a notar as conotações da afirmação de Deirdre. Em pouco tempo estava apagado em um sono profundo na cama, com sua mulher a seu lado.

Capítulo 6

Uma semana mais tarde, Liam falava disso com Lorn.

- Como lhe ocorre dizer semelhante disparate? – Seu primo se mostrava incrédulo. – Crê que é tão boba que não o note?

- Bom... - Liam não esperava entusiasmo de sua parte, mas, pelo menos, algum apoio moral. – Se não teve relações sexuais, não poderá comparar.

- Mas não ficou satisfeita nenhuma vez.

- E daí? – Entendia onde queria chegar, mas se negava a pensar nisso.

- Isso se chama egoísmo – sentenciou. – É um comportamento impróprio de você e não entra na minha cabeça que se comporte assim com sua própria esposa, a que algum dia será a mãe de seus filhos. O que acredita que pensará quando passe o tempo e ela não chegue à culminação do prazer?

- Mas se não deve saber nem que existe. – Ele mesmo se ouvia e não se reconhecia, porém melhor agir assim a reconhecer que havia se comportado como um grande imbecil.

- É suficientemente homem para se arriscar?

- Mas o que quer dizer?

- As mulheres, assim como os homens, comentam coisas... - Viu-se obrigado a seguir ao ver a confusão de Liam. – O que acha que vai dizer quando as outras expliquem como seus maridos as deixam satisfeitas? Ela não poderá. Quer que diga que não sabe satisfazer a uma mulher; a sua mulher?

- Ninguém acreditaria – balbuciou compreendendo. – Algumas delas poderiam dizer...

- O quê? – Interrompeu-o. – Nunca subestime o poder de uma mulher despeitada. Cada uma acredita no que quiser crer.

- Mas é que não me atrai em absoluto...

- E acredita que você o faz? – Lorn lhe daria umas bofetadas por ser tão presunçoso. – Além do mais, essa frase não está completamente certa. É possível que sua cara não o agrade, mas sou capaz de intuir sobre tudo mais.

- E o que é, tudo o mais? – Pretendia zombar, mas intimamente suspeitava que Lorn percebia mais do que ele se atrevia a admitir: o desejo crescente e incontrolável pelo corpo de sua esposa.

Lorn era dois anos mais novo que ele e, maldito seja, o olhava com uma indiscutível superioridade.

- Não quero envergonhá-lo porque me parece que já o está, assim que não direi mais nada. Só tenha isso em mente: não acha que algo parecido possa ocorrer a ela?

O silêncio perplexo de Liam dizia tudo.

- Além do mais, seria capaz de comprometer sua hombridade por não tratar de fazer o melhor que puder com sua esposa? Somente por sua cara? E além disso não lhe deu sequer um beijo! Homem, está completamente louco. Se eu fosse você, refletiria sobre isso, porque, quando ela descobrir que está lhe dando gato por lebre, pedirá que sirvam seu membro em uma bandeja. – Deu-lhe umas palmadas nas costas, deixando-o pensar.

Talvez tenha exagerado, mas gostava muito de Liam para deixar que destruísse seu casamento pondo em prática as loucuras que lhe vinham à mente. Estava convencido de que, se seu primo se desse uma oportunidade, acabaria gostando da companhia de sua esposa e tendo relações sexuais plenamente satisfatórias. Deirdre era uma mulher encantadora que só em uma semana já havia conquistado sua tia Robina e Edmé. Até sua noiva, sempre mais comedida e menos dada a se abrir às pessoas, a adorava. Outra mulher em seu lugar poderia se comportar mal, mas a jovem parecia aguentar tudo com valentia. Era de caráter doce e sempre que se encontravam a via esboçar seu melhor sorriso. Esperava de todo coração que nunca descobrisse o vergonhoso comportamento de Liam e que fosse tão ingênua como aparentava, embora, se fosse o caso, talvez levasse com tranquilidade e apagasse tudo para começar novamente.

Sim. Acreditava sinceramente que os dois podiam ter um magnífico casamento. Só esperava que ambos o percebessem.

Deirdre fechou a porta com uma batida. A esta altura, não lhe importava se alguém ouvisse. Ao menos assim se dariam conta de como se sentia zangada e enganada. Fazia pouco tempo que vivia ali, mas já começava a odiar o lugar, graças à ajuda inestimável de seu esposo.

Seus dias em Glenrow eram tão tediosos que lhe davam vontade de gritar só para dar alguma emoção às monótonas horas. Levantava-se cedo – sozinha, é claro – e passava a manhã ajudando sua sogra nas coisas “que devia conhecer uma boa esposa”. Normalmente compartilhava as refeições com os pais de Liam e com este, mas nunca sozinha com o marido. Os dias que essa rotina se rompia era pela agradável e sempre bem-vinda presença de algum dos primos, que compartilhavam a refeição com eles e alegravam a mesa com comentários e conversas alegres. O resto do dia passava na companhia de pessoas que queriam conhecê-la ou desejavam sua ajuda e pela noite... - fervia de raiva só em pensá-lo – desejava que seu esposo gozasse de seu corpo, desfrutando da bendita

satisfação que ela jamais encontrava.

Nunca havia se imaginado ignorante. E mais, apesar de não haver provado nunca as maravilhas do prazer carnal, acreditava conhecer o suficiente sobre ele para saber que a primeira vez nem sempre era satisfatória, sobretudo para a mulher, mas não contava com que sucedesse o mesmo na segunda noite, nem na terceira, nem na quarta e assim sucessivamente até o dia de hoje.

Quando percebeu que todas as noites se repetia o mesmo padrão, – Liam acariciando e beijando seu corpo para depois introduzir-se nela e encontrar a liberação logo depois – atribuiu-o à falta de sentimentos por ambas as partes. Devido a isso, resultava compreensível a ausência de afagos e beijos. Só agora compreendia também que, se tivesse querido, ele poderia ter lhe proporcionado a mesma satisfação que ele gozava sem sentir afeto algum. Tratava-se de saber dar, mas Liam havia se comportado como um porco egoísta e miserável que se abandonava às suas necessidades e esquecia as dela.

A esta altura sentia-se uma idiota por deixar suas desconfianças de lado enquanto entrava na cama e deixar-se manejar sem nenhum tipo de escrúpulo por esse estúpido que tinha por marido. Entretanto enrubescia de vergonha ao lembrar como, a cada noite, enquanto ele lhe dispensava suas carícias, relaxava até o ponto de sentir seu coração descontrolado, a pele arrepiada e uma cócega inexplicável que descia do centro mesmo de seu ser e que umedecia suas partes íntimas. Como suspirava e se contraía, maravilhada de sentir um pedaço dele em seu interior e como ficava depois, quando as investidas de Liam finalizavam, esperando algo que não conseguia compreender, mas que a deixava frustrada e insatisfeita.

E não iria aguentá-lo mais, nem com resignação nem sem ela. Tampouco ia permitir que seguisse usando seu corpo, - sim, usando – e que o citado não tivesse a mínima decência nem de olhá-la nos olhos. Enquanto se desafogava, Liam não fazia nenhuma tentativa para estabelecer contato visual e não precisava ser muito esperta para saber o motivo. Algo que sempre havia sabido contornar e que não a havia afundado em um insondável abismo, agora a feria profundamente. Preferiria não se saber desejada de nenhum modo, a ter que aguentar cada noite o que acontecia nessa cama. Limitar-se a acariciar seu corpo, – que por certo, não devia lhe parecer muito repulsivo – e esquivar-se de seu rosto era degradante, se olhado por qualquer ângulo. Se, além disso, ignorava seu desejo, se convertia em um ato afrontoso.

Suspirou com profundidade e olhou para a cama. Se Liam soubesse... Até com os olhos abertos podia visualizar cada centímetro do maravilhoso corpo de seu marido. Braços e pernas fortes, um estômago que parecia esculpido em pedra, uns glúteos firmes e um... Ainda se ruborizava ao lembrar. Sua noite de

núpcias foi a primeira vez que viu um em carne e osso. Havia visto o mesmo em desenhos bastante precisos em livros de anatomia que havia conseguido tirar da casa de Andrew - ser médico tinha suas vantagens – mas não era o mesmo. Nem perto. Cada noite sentia os mesmos desejos encontrados quando contemplava o intrigante pênis de seu esposo. Se este descobrisse seu surpreendente desejo de tocá-lo e acariciá-lo, estava certa de que só escutaria zombaria de sua parte. Isso também a magoava; saber-se tão fraca, por isso procurava mascarar com frieza todo indício de emoção.

Não, isso ia terminar. Deixaria as coisas muito claras para Liam: ou tudo ou nada.

Como havia se retirado e informado que não desceria para cear com a pobre desculpa de um princípio de enxaqueca, teve tempo de sobra para pensar com muito detalhamento o que iria dizer-lhe, mesmo com o risco de romper o fino laço que unia seu casamento. Na sua opinião, não valia a pena cuidar de algo que não merecia isso.

Cansada, decidiu deitar-se para se sentir mais descansada para a batalha que se avizinhava.

Despertou-a o ruído da porta ao abrir.

- Despertei-a? – Perguntou Liam em voz baixa. Entrou enquanto ela se erguia. – Minha mãe me disse que não se encontrava bem.

- Com um pouco de descanso desapareceu – mentiu com total descaramento. – Temos que falar. – Isso sim chamou poderosamente sua atenção.

- Uh, uh. Isso soou como a primeira discussão de casados – afirmou enquanto se desnudava.

- Coisa que não aconteceria se não tivesse se comportado como um porco egoísta.

- Perdão?

- Não o perdoo. – Desceu da cama e colocou o roupão. – Não gosto nada do papel que tenho nesse casamento e ainda menos da forma abominável com que me trata.

- Que...?

- Refiro-me a mim, a minha cara – se apontou com violência. – Sei muito bem o aspecto que tenho. Afinal de contas, vejo meu reflexo todas as manhãs no espelho. Também sou consciente do efeito que lhe produz, mas não utilizará isso para se aproveitar. Não mais.

- Deirdre, acalme-se.

- Não quero acalmar-me, quero soluções. Não se comportou corretamente e eu não mereço isto.

- Se refere a...

- Sim, ao que acontece nesta cama. Mas isto é só um dos problemas. Por mais que nos desgoste, o casamento é um fato, e deixe-me dizer-lhe que não sou das que ficam de lado, em segundo plano, esperando ver a vida passar, - esclareceu, para não deixar dúvidas. – Quero que nos esforcemos em ter uma relação cordial e isso passa por nos vermos durante o dia e conversar. Também quero que me inclua em seu dia a dia, deixando-me participar.

Deteve seu discurso subitamente, tirando um instante para respirar. Liam aproveitou isso.

- Tem razão, muitíssima razão – pareceu envergonhado de admiti-lo. – Antes de tudo, queria dizer-lhe o quanto lamento.

Ela bufou ante sua desculpa insossa.

- Aproveitei-me de você e me comportei de forma egoísta. Sei que não é desculpa, mas estava ressentido, não só por me ter visto obrigado a este casamento forçado, como também porque conseguiu que lhe cedessem o controle do dote.

- Sim – Deirdre se limitou a dizer. Em certa forma era compreensível que Liam se sentisse assim, o que, como ele bem dizia, não o desculpava. Caso contrário, ela estaria cheia de ira. A verdade é que já havia esquecido que o dote estava em seu poder.

- Não quero que terminemos como inimigos – admitiu nervoso ao ver que ela não dizia mais nada. Fitou-a aos olhos para que visse a sinceridade de suas palavras e se surpreendeu, não ao descobrir que havia ficado bonita de repente (porque não era o caso), mas sim porque já não sentia esse irrefreável impulso de afastar a vista. – Sabe que não a amo...

Se Deirdre se surpreendeu pela pouca sensibilidade dessa última afirmação, não o demonstrou.

- Eu tampouco. E daí? Isso não impede que possamos ser amigos.

- Amigos – repetiu Liam um pouco perplexo.

- Bom, se não amigos, pelo menos aproveitar certa camaradagem.

- Podemos tentar – concedeu, lentamente. Não parecia ser algo tão disparatado. Afinal de contas, o que mais desejava, agora que o casamento era um fato, não era ferver de raiva a cada dia, mas sim viver com toda calma possível. – Embora, para dizer a verdade, não esteja muito certo de como fazê-lo. Ou se temos que pôr limites.

- Você quer colocá-los? De minha parte creio que não deveríamos estabelecer nenhum. O melhor seria ir resolvendo o que o dia a dia nos traga. Mas assim, pondo todo nosso empenho em que seja o melhor possível.

Liam se surpreendeu – novamente – do quanto ajuizada podia ser sua mulher, talvez mais do que ele. Talvez fosse hora de dar uma oportunidade para

se conhecerem. Duvidava que algum dia isso se tornasse amor, fosse do tipo que fosse, mas viver em estreita harmonia lhe parecia muito tentador.

- E quanto a... - Não sabia muito bem com dizê-lo.

- Não se preocupe por isso – cortou-o sabedora de a que se referia. – Desde que a partir de agora tenha consideração com minhas necessidades, não lhe negarei o acesso a meu corpo. Afinal de contas somos casados e, como esposa, meu dever é proporcionar herdeiros.

- O sarcasmo não lhe cai bem. – Mas em seu interior respirou aliviado de que não pretendia acabar com seus encontros sexuais, embora sua forma de expô-lo lhe parecesse muito frio.

- É claro que me cai bem – replicou ela. – O problema é que não é capaz de apreciá-lo totalmente. – Deirdre estava preparada para uma batalha, não a aceitação que Liam lhe mostrava. Apesar disso, preferiu deixar mais claro o que queria. – E quanto a fazer amor... quero aproveitar isso. – Tinha a cabeça bem alta, orgulhosa.

- E aproveitará – prometeu Liam. – Farei que seja inesquecível para você.

- Não se vanglorie tanto, só quero o mesmo que você conseguiu.

E lhe daria. Daria o prazer que lhe havia negado na primeira vez e nos sucessivos dias.

- Poderíamos começar agora – sugeriu. Já não era momento de voltar atrás.

Se Deirdre não estava preparada para uma capitulação tão rápida, muito menos para a sugestão inesperada. Mas ela não era uma covarde. Desejava-o tanto que não tinha como desdizê-lo.

Ambos se meteram decididamente na cama. Estavam um pouco nervosos.

- Agora, me dedicarei só a você. – Liam começou a acariciá-la, disposto a compensar toda mágoa que tivesse ocasionado com seu egoísmo cego. Não era uma pessoa má, mas sua raiva havia acabado provocando nela um mal desnecessário. – Sua única preocupação neste momento deve ser relaxar e sentir.

Deirdre, de sua parte, se permitiu confiar. De certa forma, as carícias eram um fiel reflexo das vezes anteriores, mas algo no rosto concentrado de Liam lhe assinalava que, apesar das aparências, desta vez seria diferente.

E foi. Suas mãos e boca tinham um único objetivo: satisfazê-la. Deirdre se sentia arder de uma forma que não havia sentido nas vezes anteriores. Ajudava senti-lo murmurar palavras sem fôlego enquanto elogiava a aveludada textura de sua pele, o doce e fragrante aroma que desprendia ou o sabor intenso que sua língua lambia.

Quando sua boca quente passou roçando seu lugar mais íntimo, sobressaltou-se.

- Espere! – Exclamou detendo o movimento de sua cabeça. Liam se deteve e

a fitou detalhadamente. – Não creio que isto seja muito... decente. – A afirmação saiu meio trêmula.

- Se pensa isso é porque estou fazendo corretamente. – O sorriso malicioso de Liam esquentou mais suas entranhas. – Não se preocupe, Deirdre; quando terminar, pensará que esteve no céu.

- É um idiota presunçoso.

Ele se limitou a sorrir e seguiu com a boca a rota que havia traçado antes que se visse interrompido. Quando seus dedos começaram a explorar seu interior e sua umidade interior o envolveu, Deirdre sentiu como se perdesse toda sua vontade. Começou a retorcer-se em busca de um alívio indefinido – aquele que sempre aparecia, mas que nunca se deixava ver – e começou a puxar o cabelo dele.

- Liam, Liam – gemeu. Não sabia com certeza o que queria. O único que estava certa é que nunca havia experimentado nada parecido a esse frenesi que crescia e crescia.

- Já está preparada. – Elevou seu corpo sem deixar que seus dedos abandonassem o que estavam fazendo. – Entregue-se, Deirdre. – Introduziu todo seu dedo anular o quanto pode e intensificou o ritmo, enquanto que com o outro dava ligeiros toques no clítoris sensível e inchado.

- Não sei... balbuciou. – Não posso... - não pôde continuar, pois algo em seu interior pareceu explodir enquanto se estendia como uma maré por cada canto de seu corpo.

Pouco tempo depois, não sabia exatamente quando, pôde abrir os olhos e virar a cabeça em direção a seu esposo, que nesse momento estava apoiado em sua mão fitando-a.

- Bom, em? – Seu sorriso arrogante deveria tê-la incomodado, mas estava muito saciada para dizer algo. Ao menos dessa vez não havia se importado que não a beijasse. O sexo era tão maravilhoso que não estranhava nada que as pessoas o fizessem uma e outra vez. Era viciante.

Desceu a vista e comprovou que Liam continuava excitado.

- E você?

- Hoje, eu não importo.

- Por quê? É absurdo que fique sem satisfação por um sentimento de culpa. Não quero que isso seja um ato de redenção, mas sim um momento de completo prazer que possamos desfrutar juntos.

Se fitaram aos olhos e Liam se decidiu.

- Está bem.

Comprovou que Deirdre estivesse preparada e se colocou em cima dela. Abraçaram-se e ele se deixou tocar pelas suaves e inexperientes mãos femininas,

até que ao final, ansioso, não pode suportar mais e se introduziu no interior dela. Dessa vez, os movimentos estavam em sintonia, sendo coisa dos dois e, quando ela elevou o quadril ao mesmo tempo que apertava seus glúteos, Liam apertou os dentes ao sentir-se tão dentro. Só pode mover-se a um ritmo mais frenético e se entregar essa noite, como todas as que a sucederam. Dormiram esgotados, saciados e abraçados.

Capítulo 7

Nas semanas seguintes, Liam se esforçou por fazer com que ela participasse de sua vida diária e de seu cotidiano, o que agradava a Deirdre.

Depois que seu marido percebeu que entendia de números, levava-a para a biblioteca e lhe explicava detalhadamente o que fazia. Ela, de sua parte, se esforçou por participar da vida da comunidade, conhecendo aqueles que trabalhavam nas terras e suas famílias. Dia a dia, foram construindo as bases de uma relação cheia de camaradagem, entrando pouco a pouco em uma agradável rotina durante o dia, que se tornava maravilhosamente prazerosa pela noite. Não era o que sempre esperavam ter, mas era mais do que pensavam que esse casamento seria.

As semanas se transformaram em meses. Já faltava pouco para o inverno e todos diziam que era muito cruel. Deirdre, que em muitos sentidos se sentia contente, não deixava de pensar e pensar na sua pouca privacidade. Viver todas as horas com seus sogros não era o mais adequado para sua intimidade matrimonial. Não havia feito nada até esse momento por temor de ofendê-los, já que haviam se esforçado muitíssimo para fazê-la sentir-se em casa, mas havia dias em que não podia nem escrever uma simples carta no escritório de seu marido sem que a incomodassem as conversas deste com seu pai no mesmo cômodo. Além do mais, as conversas entre ela e Liam sempre costumavam ser interrompidas por algum familiar ou criado.

Não tinham espaço para eles sozinhos e começava a desejá-lo com desespero.

Se absteve de bufar de uma forma audível para não chamar a atenção. Acabava de ler uma das cartas que sua amiga Camile havia enviado, cujas páginas e páginas só continham maravilhosas notícias que transbordavam felicidade.

Esta havia sugerido em várias ocasiões a possibilidade de viajar até a Escócia para visitá-la, mas, por uma razão ou outra, isso sempre se adiava. Além disso, embora as coisas fossem muito bem, não era a imagem que queria mostrar.

Seu sogro deixou de falar com Liam e se aproximou da lareira para atizar o fogo.

- Que frio faz aqui.

Esse era outro dos problemas. Embora fizesse frio, McDougall sempre tinha mais que os outros, razão pela qual alguns lugares do castelo podiam chegar a

parecer um forno, como era o caso do escritório. Ouvira Liam se queixar disso em mais de uma ocasião, mas nunca fazia nada para resolvê-lo.

Nessa mesma noite, na intimidade do quarto, fazia precisamente isso.

- Esta habitação parece realmente agradável. – Retirou as botas. – Nem muito frio, nem muito quente. – Aproximou-se dela. – Tudo bem com Camile?

- Já lhe contei esta manhã – respondeu ela algo rabugenta. Odiava ter que repetir as coisas e o mal humor não ajudava.

- Sim, já, mas não me explicou tudo. – Estirou-se em cima da cama, a seu lado. – Meu pai chegou e nos interromp...

- Sim, – cortou o que estava lhe dizendo – como sempre. Não para de se queixar disso dia sim e outro também, mas não o vejo tentar mudar a situação.

- Que quer dizer? – Perguntou, elevando-se um pouco.

- Pois farei isso mesmo. Creio que devemos ter nosso próprio espaço.

- Temos nosso quarto, este – disse como resposta.

- Como se isso fosse o suficiente. – De repente, pensou se teria estado equivocada e que Liam não se sentia como ela. – Acaso isso basta para você? – Não teve nem que responder; tinha sua resposta escrita na cara. – Deveríamos ir viver em nosso próprio lar – sondou-o para ver sua reação. Na realidade, já tinha decidido qual seria sua linha de ação.

- Não é possível; não temos dinheiro suficiente para manter nossa própria casa. – Por seu tom cáustico era evidente que isso não o enchia de orgulho.

- Poderíamos viver de aluguel... - sugeriu.

- Um McDougall? Jamais!

- O orgulho não é um bom companheiro de cama – alfinetou-o um pouco, apesar de estar de acordo com isso.

- Disse que não! – Levantou-se de um salto e caminhou pelo local, enfurecido.

- Pois então, só resta uma solução...

- Reformas? – Evan não gritou demasiadamente. Liam supunha que não queria assustar muito a sua nora apesar de não gostar do que ela expunha.

Quando Deirdre lhe expôs a solução na noite anterior, pensou que tinha uma esposa brilhante. Agora só faltava ver se também era tão eficaz na hora de convencer McDougall.

- Só umas poucas – esclareceu conciliadora. – O castelo é muito grande e há uma ala inteira sem uso.

- Não gosta de viver conosco? – Perguntou Robina, um pouco magoada.

- É claro que sim, – assegurou tocando-lhe a mão num gesto de consolo. Não tinham que saber que se sentia sufocada – mas somos recém-casados,

necessitamos de nosso espaço. E intimidade – sentenciou. Por suas expressões sombrias, parecia que tivesse dito que queria converter-se em pirata e levar seu herdeiro com ela. – Já sabem, tempo a sós, porque, quando fomos obrigados a nos casar... - Não lhe deixavam mais opção do que o caminho da culpa.

- Claro, claro – replicou Evan. É claro, não queria sentir que era o culpado de que não pudessem construir um casamento feliz. – É da mesma opinião? – Seu pai se dirigiu a ele diretamente.

- Sim – afirmou determinado. Estava assombrado pela habilidade que sua esposa havia demonstrado para manipulá-los conforme sua vontade. Teria feito o mesmo com ele? – Não é que não queremos ficar com vocês, mas compreendam nossa necessidade de ficarmos sozinhos.

- Em que pensaram? – Perguntou derrotado.

Liam deixou que Deirdre explicasse.

- Nada muito ostentoso, nem complicado, nem caro. Fiz os cálculos e os planos – pegou um bolo de papéis – sobre o que necessita ser reparado com urgência. É claro, tudo sairá do meu dote, mas, além disso, dará um salário extra a quem necessite de trabalho. O único problema será que teria que começar o mais cedo possível, para que quando chegue o pior do inverno, tudo esteja terminado.

- Falou disto com Parlan? – Perguntou Robina.

- Vocês são os primeiros aos que comunicamos nossas intenções – respondeu Liam a sua mãe.

- Parlan? – Perguntou Deirdre desconcertada. Era o marido de Edmé e da família, mas não entendia o que tinha ele a ver com tudo isso.

- Sim, o pai de Parlan é arquiteto – respondeu Evan. – Ele não o é, como já sabe, mas é indiscutível que leva a profissão no sangue. Ninguém sabe mais que ele sobre desenhos e reformas, nem sequer os que estudaram. Talvez necessitem de sua ajuda.

- Isso seria estupendo! – Exclamou Deirdre. – Tira-me um grande peso de cima.

Ambos foram falar com ele. Este, assim como Edmé, mostrou-se tão surpreso como os pais de Liam, mas uma vez digerido o assunto, ambos estiveram encantados com a ideia e se ofereceram para ajudar em tudo o que pudessem.

As obras da reforma começaram quando obtiveram os materiais e os operários contratados. A maioria eram os mesmos que trabalhavam nas terras da família ou algum dos filhos, o que seria um rendimento extra para gastar no Natal e para passar o inverno com maior comodidade e folga.

Da manhã para a noite, a casa dos McDougall se converteu em um

fervedouro de pessoas trabalhando. Deirdre passeava por ali a toda hora animando ou sugerindo mudanças ao marido de Edmé.

Liam, de sua parte, costumava ajudar nos trabalhos físicos quando terminava suas responsabilidades diárias. Nos momentos de descanso, saía da casa e se apoiava em um montão de pedras enquanto observava os avanços.

Nessa ocasião, via sua esposa aparecer numa janela enquanto mostrava a Parlan alguma coisa que requeria sua atenção.

- Parlan está encantado. – Sua prima havia se aproximado de onde estava Liam tão silenciosamente que não a havia ouvido chegar. – Adora Deirdre.

- Como todos – respondeu ele com meio sorriso sarcástico.

- Inclui-se entre todos eles? – Perguntou-lhe um tanto maliciosa, mas com verdadeira curiosidade.

- Pode ser. – Entretanto não queria pensar muito nisso. – Essa mulher que tenho por esposa resultou ser uma caixa de surpresas.

- Embora sua aparência o desagrade – concluiu sagaz.

- Sim.

- O aspecto exterior não é tão importante.

Liam não queria continuar falando do assunto e se manteve em silêncio. Tinha muitos sentimentos desencontrados a respeito de Deirdre e não sabia o que fazer com eles.

Era certo que, de certa forma, a feiura do rosto já não era tão importante. Cada dia a fitava e já não sentia repulsa. Estar com ela despertava nele um ardor desconhecido; e não se referia ao plano sexual, que cada dia era mais intenso e satisfatório, mas sim a um sentimento mais profundo que o deixava desconcertado. E não era amor, disso tinha segurança. Apreciava-a e gostava de vê-la alegre, mas não sentia nenhuma das coisas que deveria sentir um apaixonado; esse aperto no peito, a necessidade de vê-la a toda hora ou o constante desejo de beijá-la e saboreá-la.

Não, tudo era muito confuso e não sentia desejos de aprofundar-se em busca de respostas.

Sua prima se despediu, mas ele não se moveu. Esperava que Deirdre lembrasse que era a hora de seu passeio habitual.

Haviam passado a ter como costume dar um passeio pelos arredores. No princípio, se limitava a explicar-lhe detalhes sobre as terras que iam vendo e sobre as pessoas que as trabalhavam. Algo assim como uma forma de introduzi-la na comunidade. Entretanto, agora faziam mais do que isso. Cada dia se detinham na casa de algum deles e lhe traziam um presente. Enquanto Deirdre falava de comida com a esposa, ele brincava com os meninos ou elogiava a destreza do marido com os pastos ou lavoura.

Liam sempre havia tido alguma relação com todos eles, mas sua mulher havia decidido, como em tudo o que fazia, ir um pouco além e envolver-se com mais profundidade. Apesar de que, nos passeios, não estavam muito tempo a sós, não lhe importava; aproveitava ao vê-la envolver-se nos afazeres de Glenrow.

Distraiu-se de seus pensamentos quando, pouco depois, o objeto deles cruzou a porta de sua casa e se dirigiu até ele. Havia-se coberto com uma capa simples de veludo verde com franjas e um simples e diminuto chapéu com um laço da mesma cor, o que supôs ser um dos pequenos detalhes charmosos dos que Deirdre se negava a prescindir. Sua esposa mostrava um radiante e satisfeito sorriso que fez seu coração pular, o que ignorou.

Caminharam envoltos em um silêncio amigável que Liam rompeu um pouco mais tarde.

- É feliz? – Ateve-se a perguntar-lhe enquanto descansavam em algumas pedras próximas do caminho que haviam escolhido nesse dia para sua caminhada.

- Por que essa pergunta? – Perguntou Deirdre, estranhando um pouco. – Se sente-se culpado por algo...

Nem ele mesmo sabia. A única coisa certa era que desejava vê-la feliz. Não sabia por que era tão importante para ele que o fosse, mas era algo que não podia negar.

- Não se trata disso – alegou. – Afinal de contas, é minha mulher, razão pela qual ficaria desgostoso se não estivesse satisfeita.

Deirdre não se sentiu muito bajulada, mas não disse o que pensava de verdade.

- Você é? – Contra-atacou.

- Não sei se estou preparado para lhe responder. – Escolheu ser o mais sincero possível.

- Pois eu estou nas mesmas condições. Não digo que esteja infeliz; nada mais longe da realidade, mas feliz... - Encolheu os ombros e voltou a vista, sobressaltada.

A resposta não era a que Liam pretendia obter, embora, para dizer a verdade, não sabia com certeza o que esperava que lhe respondesse.

Talvez esperasse que ela experimentasse essas mesmas mudanças e dúvidas que o assaltavam cada vez com mais frequência e para as quais não tinha uma explicação clara. Ou talvez, no fundo de seu coração, ele a apreciasse, mesmo que só um pouco.

O silêncio os envolveu novamente, mas a nenhum deles pareceu preocupar. Um pouco mais tarde, regressaram de volta à casa com as mãos entrelaçadas. Nenhum deles fez menção alguma ao fato, mas ambos, por alguma estranha

razão, acharam completamente satisfatório.

Capítulo 8

Deirdre considerava que sua vida não era tão má como havia chegado a imaginar que seria, mas lidar com seu sogro e marido em alguns assuntos revelou-se uma tarefa árdua e esgotante. Liam era mais receptivo às mudanças, mas Evan McDougall sempre se queixava com amargura de cada uma delas, embora nunca em sua presença, claro.

Era de se esperar que, quando lhes explicasse sua nova ideia resmungariam um pouco, e ambos fizeram exatamente isso.

- Gostaria de fazer uma festa – soltou à queima roupa enquanto comia com seu marido e seus sogros.

Estes levantaram as cabeças subitamente, cada um com diferentes expressões, das mais surpreendidas.

- Uma festa? – Repetiu Liam como se fosse incapaz de compreender que essas palavras tivessem saído da boca de sua esposa. – Isso não é uma frivolidade?

- Não sei se alguém estará interessado nela – assegurou de sua parte McDougall. – Afinal de contas, as pessoas de Glenrow não estão habituadas a esse tipo de coisas.

Deirdre se absteve de dizer-lhes que já havia contado tanto a Edmé como a Fiona e que estas haviam se mostrado encantadas. Até Lorn havia dado sugestões a respeito disso. Não duvidavam que seria um sucesso e que todos iriam. Ela também desejava isso.

- Não lhe faça caso. – Robina descartou seus comentários negativos com uma mão. – Uma festa sempre é bem-vinda.

- E como a pagaremos?

Ah, o sempre pragmático líder dos McDougall já havia colocado a relação com o dinheiro. Seria sempre assim?

- Em que pensou? – Interessou-se sua sogra, interrompendo seu marido. Bendita fosse!

- Gostaria de fazer uma festa noturna que se assemelhe às melhores de Londres. Ainda assim, não penso que devemos nos exceder em nada e fazer algo muito caro. De fato, pode sair tão barato como todos desejamos. Poderíamos utilizar o prédio vazio que está fora de Glenrow para a celebração.

- Pertence a Elnoch – disse Liam como comentário.

Deirdre não sabia se com isso pretendia desanimá-la.

- Não se importaria – admitiu. – Já lhe perguntei.

- E está em boas condições – acrescentou Robina; talvez para fazer a ideia mais agradável. – Além do mais, creio que um pouco de diversão viria bem para a comunidade.

- Nem tudo tem que ser trabalhar – apontou ela.

- Alguns têm que fazê-lo, se queremos ter alguma comida na mesa, pequena.

Deirdre se incomodou. Será que nunca poderia falar de trabalho ou em dinheiro sem que lhe esfregassem na cara as necessidades dessas terras? Preferiu deixar passar o comentário; não queria enfrentar seu sogro.

- Além do mais, - acrescentou – só será alguma música, comida e diversão. A primeira não será um problema e, no que diz respeito à comida, podemos sugerir que cada um traga o que quer ou que possa oferecer.

- É uma excelente proposta! – Robina estava entusiasmada e aplaudiu.

- Se você acha... - Liam havia cruzado os braços e reclinado no encosto da cadeira. Parecia um homem que já havia tomado uma decisão.

- O que pode haver de mal em um pouco de diversão saudável? – Replicou Deirdre, instigada por sua atitude. – É uma memorável oportunidade para mostrar os melhores vestidos que cada um tenha e aproveitar uma noite agradável em companhia de vizinhos e amigos.

- Talvez não seja tão mal apesar de tudo – refletiu McDougall.

- É claro que não, querido – dirigiu-se a sua nora. – Não estamos acostumados a mudanças, mas algumas poucas são refrescantes.

Não pôde evitar mostrar um sorriso satisfeito, que ainda conservava horas mais tarde, enquanto tomava um relaxante banho em seu quarto, acompanhada pelo crepitar do fogo na lareira. Tanto Liam como seu sogro haviam cedido – a contra-gosto, de fato – e isso a deixava de bom humor.

- Desfrutando do triunfo? – Perguntou Liam quando entrou um tempo depois.

- Em absoluto. – Afundou um pouco na água espumosa. Nessa altura ainda sentia certa vergonha de se ver completamente nua diante dele. Sentia-se muito exposta, embora seu corpo carecesse de evidentes imperfeições, algo que seu marido não havia deixado de mencionar em várias ocasiões e que lhe magoava pela simples razão de que excluía seu rosto. Esse era um assunto espinhoso que ainda não sabia como encaixar nessa aparente boa relação que tinham. – Deleitar-me com um bom banho na paz de meu quarto é um prazer por si mesmo.

Conversaram sobre banalidades enquanto a água esfriava.

- Não vai sair? – Perguntou ele divertido dali da cama.

Parecia saber o quanto a perturbava fazê-lo. Obviamente, Liam não havia tido problemas na hora de tirar a roupa e ficar cômodo.

- Em um instante – Respondeu Deirdre.

- Vermelha como uma romã, levantou-se tão alta como pôde. Apesar da escassez de luz viu como Liam respondia à exibição de seu corpo molhado e nu. Seu lado mais prático recordava-a de que gostava de se ver desejada. Secou-se devagar, saboreando cada olhar e fazendo crescer o desejo de ambos. Quando chegou à cama não perderam tempo com sutilezas e fizeram amor de uma forma apaixonada e muito gratificante.

Recordava isso no dia seguinte, enquanto voltava para casa após ter ajudado na casa dos Pagan, um dos arrendatários que vivia mais ao leste, e ajudar com a colcha que a avó Glenna estava tecendo com suas cansadas e magras mãos para seu neto mais jovem. Não que Deirdre fosse muito jeitosa, mas combinava o bordado com os conselhos que a avó dava e assim sentia que colaborava para melhorar as coisas. Era pouco o que podia fazer, mas Sharon não dizia que se todos puséssemos nosso grãozinho de areia no mundo, este seria um lugar muito melhor?

Faltava-lhe um pouco mais de 3 quilômetros para chegar, quando se encontrou com um estranho montado em um cavalo.

- Bom dia – saudou-a este.

Sua voz profunda ressoou em seus ouvidos e se deteve surpreendida. Era o homem mais bonito que havia conhecido, pouco lhe faltava para isso. A boa educação e a curiosidade fizeram-na devolver a saudação.

- Como está, senhor?

- Bem, obrigado. – Desmontou com graça. – Não me parece conhecida, pelo que deduzo que não é daqui. Meu nome é Angus Clifford e vivo bem depois daquele rio – ficou olhando-a como se seu nome devesse lhe ser familiar.

- Encantada. Sou Deirdre Doy... - deteve-se para corrigir. – McDougall.

O senhor Clifford fez cara de surpresa, embora Deirdre tivesse a vaga sensação de que já conhecia o fato.

- Então deduzo que é a flamejante recém esposa de Liam.

- Conhece-o? – Perguntou com ingenuidade.

- Senhora, aqui todos sabemos quem é quem – sorriu. – E já que a casualidade e o destino proporcionaram este encontro, permita que me junte a seu passeio para tratar de conhecê-la um pouco melhor.

Ofereceu-lhe seu braço de forma galante e, embora Deirdre tivesse preferido terminar seu curto trajeto sem companhia, não teve coragem de desestimulá-lo. Tentou uma desculpa.

- Na realidade, não creio que deva se incomodar. Meu caminho está

chegando ao fim e o senhor parecia ir em direção contrária.

- Sua preocupação a honorifica, – repôs o senhor Clifford – mas não se preocupe. Não importa tanto a direção que se tome, mas sim a companhia. – Pôs-se a seu lado.

Durante o trajeto lhe perguntou acerca de como se adaptava ao ritmo de vida da Escócia rural, como ela e Liam se conheceram e outras tantas perguntas que fizeram com que Deirdre chegasse a se sentir objeto de um estudo por parte do senhor Clifford. Em alguns detalhes não viu inconveniência em responder, mas naqueles mais íntimos e comprometedores mentiu com todo descaramento. Seu instinto lhe prevenia contra ele e sua “saudável” curiosidade.

- A senhora não se parece o tipo de mulher por que Liam costumava se interessar – acrescentou seu forçado acompanhante num instante.

Esse comentário casual a fez ficar tensa. Se fazia alguma observação sobre sua feiura...

- Refiro-me, – continuou relaxadamente – a aquelas que não eram tão agradáveis, educadas nem inteligentes como a senhora.

Apesar do evidente elogio, não pôde relaxar totalmente; e ele notou, por isso quando chegaram na encruzilhada que levava à casa, o senhor Clifford se apressou em despedir-se com um beijo na mão e uma elegante reverência.

- Espero vê-la em breve – acrescentou como despedida.

Subiu no lombo do cavalo enquanto Deirdre seguia seu caminho. Sem nem sequer voltar-se, soube, sem sombra de dúvidas, que o tal senhor Clifford não havia se movido do lugar. Não era por não ter ouvido os cascos do cavalo afastar-se, mas sim pela estranha queimação que sentia em suas costas, com os olhos do homem cravados nela.

Deirdre tomou o firme propósito de esquecê-lo e desapareceu de sua vista.

O dia da festa chegou depressa. Mulheres e homens esperavam com tanta vontade o evento, que puseram todo seu empenho para que tudo ficasse perfeito.

- Não posso crer que tudo ficou tão bonito. – Foi o comentário de Robina quando entraram no edifício que, fazia pouco tempo, estava vazio e sem uso.

Edmé e Fiona estavam de acordo e se apressaram a deixar nas mesas os pratos que haviam feito especialmente para a ocasião.

Haviam utilizado guirlandas para decorar paredes e tetos. Tudo havia sido varrido e limpo, colocando-se ao fundo mesas, nas quais cada um poria o prato que pensava trazer. Para as bebidas se recorreu à taberna local, cujo dono se ofereceu para participar com whisky e outras bebidas variadas. Haviam contratado um grupo dos arredores para a música, que concordou em tocar em

troca de comida, bebida e cama grátis.

- Creio que a aproveitaremos muito bem – afirmou Lorn a ninguém em particular. Era sabido de todos o quanto gostava deste tipo de evento.

Liam não disse nada mas, dado o entusiasmo geral, sobretudo o da mulher, não pensava dizer o contrário. Até seu pai parecia mais animado que de costume. Ao que parece, as ideias de Deirdre costumavam acabar por envolver toda a comunidade e deixar todo mundo satisfeito.

Olhou para sua esposa e a ajudou a tirar a capa, pelo que ela lhe agradeceu com um sorriso. Esta noite estava muito elegante, mas sem chegar a destoar dos demais. O vestido de seda, de dupla camada com listas que caíam paralelas em vermelho púrpura e uma sobressaia arrumada com flores do lado esquerdo, parecia uma segunda pele. As luvas, da mesma cor intensa das listas, faziam destacar os reflexos de seu cabelo e a palidez da porção de pele que estava descoberta. Em outras circunstâncias, poderia ter parecido a mais charmosa da festa, mas, do jeito que eram as coisas, isso era algo impossível.

Entretanto, sua esposa possuía outras qualidades que achava muito estimulantes. Sua inteligência, perspicácia e às vezes irreverente senso de humor haviam conseguido que desenvolvesse um inesperado e grato afeto por Deirdre. O contrário teria sido desumano, mas não passava de um simples carinho entre adultos. Mas, na cama, ardia por ela. O sexo com ela havia sido uma grande revelação. Sua esposa dava tanto como recebia, gostava de provar coisas novas e de tomar a iniciativa. Podia assegurar que jamais havia desfrutado tanto com alguém; nem dentro e nem fora da cama.

- Aconteceu algo, Liam? – Perguntou-lhe o objeto de seus pensamentos.

- Só pensava que tudo está muito bem. – Isso também era verdade.

- Mesmo? – Parecia mais que feliz, resplandecente. – Espero que todos venham. Vamos dançar como loucos.

- Acaso duvida que venham? Adoram-na – afirmou. – E, quanto à dança... espero que me reserve a primeira.

- É... é claro – balbuciou surpreendida; mas imediatamente recuperou o sorriso, que se fez ainda mais amplo.

Liam não havia esquecido o comentário de sua cunhada Cassandra na festa posterior a seu casamento. Nessa ocasião, estando cheio de orgulho ferido e rancor, não fez caso, mas esta noite corrigiria seu erro. Tinha intenção de dançar com ela até que nenhum dos dois sentisse os pés, assim ao menos lhe devolveria parte da alegria e frescor que ela havia trazido a seu lar.

Em poucas horas, o espírito festivo havia contagiado todas as pessoas que se encontravam apinhadas no pátio. Ninguém havia faltado ao encontro e todos riam, conversavam, bebiam e dançavam como se não tivessem outra

preocupação no mundo, além do que estavam fazendo. Os meninos entravam e saíam brincando e correndo, enquanto seus pais, irmãos ou demais parentes aproveitavam a ocasião para recordar o que os havia unido outrora ou buscar um pretendente.

Em várias ocasiões, avistou seu primo com sua noiva enquanto riam e dançavam ao ritmo de alguma dança local. Via-os muito unidos e apaixonados. Seus pais também pareciam aproveitar muito a companhia de amigos e dos gêmeos, filhos de sua prima e Parlan, que fazia já um bom tempo que haviam desaparecido, certamente com intenção de desfrutar de alguns beijos roubados e talvez algo mais.

- Tudo isso é obra sua – disse a sua esposa em algum momento da noite enquanto dançavam. – É um completo sucesso.

Havia gostado de sua companhia e não havia se separado dela mais que para lhe trazer bebida e comida. Seu entusiasmo era contagioso e havia—se deixado relaxar. Não havia se preparado para o que sentiu: felicidade, orgulho de que fosse sua esposa e algo mais... Algo ao que não se atrevia a por nome.

- Assim parece – respondeu ela, sem falsa modéstia. – É exatamente como imaginei. – E além do mais, movia-se com suavidade. Liam não a havia deixado só por toda noite e havia dançado com ela a cada execução. Parecia estar contente de estar onde estava e isso lhe provocava uma curiosa e prazerosa sensação de plenitude. Fazia dias que notava alguns sentimentos novos que floresciam nela, sem que pudesse evitá-lo. Em outras circunstâncias, os teria esmagado com força, mas pressentia, pela atitude de seu marido que este podia acabar sentindo o mesmo. Começava a desejá-lo com fervor.

- Creio – disse seu esposo na orelha enquanto dançavam mais uma dança tranquila – que é hora de que nos retiremos.

- Tão já? – Perguntou decepcionada. – Mas se não são nem quatro horas.

Essa resposta arrancou dele um gargalhada.

- O que tenho reservado para você a agradará mais, creia-me.

Era evidente ao que se referia e uma excitação muito diferente percorreu seu corpo.

Depois disso, preferiram se despedir de poucas pessoas, pois isso teria prolongado o momento de partir.

Pouco tempo depois já haviam chegado a sua casa e corriam escadarias acima segurando as mãos.

Deirdre percebeu o momento exato em que fecharam a porta de seus domínios. Já em seu quarto, Liam mal lhe deu tempo para mais nada, pois se lançou a sua boca num ato desesperado.

Ficou alguns instantes estupefata, sem saber como responder. Nunca a

havam beijado, mas era a sensação mais espantosa que já havia tido. Esse gesto significava algo; tinha que significar, por isso esqueceu toda precaução e se entregou a ele com cada resquício de seu ser.

Com um renovado entusiasmo, abriu os lábios para que Liam pudesse ter um melhor acesso. Quando suas línguas se enredaram em uma dança sinuosa e abrasadora, se segurou a seus ombros e lançou um gemido de puro prazer.

Deixou-se beijar por todas as partes, correspondendo-lhe da mesma forma e em seu frenesi para se sentirem tiraram e arrancaram parte das roupas.

A primeira vez foi ardente e rápida, mas as posteriores, mais ternas e pausadas, derrubaram algumas cercas de seu desconfiado e resguardado coração.

Dormiu com um sorriso esperançoso.

Capítulo 9

Só na manhã seguinte, quando despertou e se encontrou sem Liam a seu lado, mas acompanhada por uma flor em seu travesseiro, deixou que a verdade subisse à superfície e a inundasse com força. Estava apaixonada por seu marido.

Quando desceu de seus aposentos, as abertas expressões satisfeitas que seus sogros tinham a encheram de vergonha, embora não houvesse por quê. A repentina partida de ambos na noite anterior e a expressão bonita que sabia que tinha, deviam ser bastante claras. Não comentaram nada. Limitaram-se a elogiar a festa agradecendo-lhe por ter pensado em celebrá-la.

- Foi como uma benção – admitiu Robina logo depois. – Neste ritmo, McDougall deixará logo de ser tão intratável e contrário às mudanças. E quanto às demais coisas... todas virão por si sós.

Como não tinha cabeça para nada mais que se iludir e fantasiar com uma vida que não acreditava que algum dia chegaria a ter, decidiu dar um passeio; porque fazia um dia ensolaradamente esplêndido e porque esse dia radiante era uma exata expressão de seus sentimentos.

Quando considerou que já era hora de regressar, seu humor não havia feito outra coisa que melhorar. Esperava com ansiedade o encontro com Liam e desejava ver nele parte do que ela mesma sentia.

O ruído de cascos de cavalo que se aproximavam a suas costas a fez se deter a um lado do caminho. Quando se voltou, viu que se tratava de Angus Clifford. Havia esquecido por completo seu primeiro e único encontro.

- Senhor Clifford – saudou-o com cortesia, mas se dispôs a retomar sua caminhada.

Ao que parece, suas intenções não haviam sido tão claras como pretendia, porque este desmontou e caminhou a seu lado.

- Acabo de saber que essa noite se celebrou uma festa em Glenrow a que não fui convidado.

Deirdre nem havia se apercebido disso.

- Não o tome como algo pessoal – declarou. – Não foram feitos convites. Tudo foi muito informal. Lamento de verdade que não recebesse a notícia.

- Não importa – replicou. – O que mais lamento é haver perdido uma oportunidade de dançar com a senhora.

Deirdre fitou-o com cara de incompreensão.

- Por que quereria fazer isso? Nem sequer nos conhecemos.

- Espero que isso mude muito rápido.

O comentário parecia muito pessoal; igual ao seu sorriso e ao brilho de seus olhos.

- Não sei se o entendo.

- A senhora me parece... fascinante, se posso me fazer entender.

Aproximou-se tanto dela que pôde ver a cor da íris de seus olhos com total clareza.

- Fascinante? – Repetiu atordoada e sem saber como afastá-lo. De repente, se sentiu muito incomodada.

- Exato. Esperava que, com o tempo, pudéssemos chegar a ser... mais que amigos.

Deirdre sentiu seu hálito acariciar sua bochecha enquanto no mesmo instante este acariciava seu braço com total descaramento. Sentiu um calafrio de horror percorrer sua espinha dorsal. Esse homem pretendia que fossem amantes!

- Clifford! – O grito de Liam interrompeu o vexatório espetáculo. Vinha caminhando em direção oposta com os punhos apertados. Sua cara estava vermelha de fúria.

Ambos saltaram como se tivessem se queimado e se separaram com rapidez. Deirdre tinha clara a impressão que haviam dado. Não sabia como explicar as desonestas insinuações do senhor Clifford sem parecer culpada.

- McDougall... - Angus sondava o terreno com voz incerta.

- Não se aproxime de minha mulher ou o despedaçarei.

Teria se sentido adulada pela ameaça, se não percebesse que a fúria também era dirigida a ela.

- E você, que impressão crê que dá, paquerando com qualquer homem que apareça na sua frente? – Afastou-a mais de Clifford dando um puxão que a machucou. – Nunca mais se aproxime desse homem, pois lhe dará exatamente o que oferece.

Embora a esperasse, a acusação lhe caiu como uma punhalada no peito. O sentimento se agravava porque também o fazia na presença desse outro.

- Vamos, vamos, velho amigo – interveio Clifford com voz falsamente conciliadora e dissimulada. – Não precisa ficar assim. Sua mulherzinha e eu só estávamos nos conhecendo.

- Ouça...! – A insinuação de suas palavras estava muito clara, deixando poucas dúvidas para que Liam pensasse o pior.

- Cale-se! – Surpreendeu-a seu marido, interrompendo-a. – Será melhor que me deixe resolver isto sozinho. Volte para casa.

- Mas...

- Deirdre, pelo amor de Deus!

Não queria fazê-lo e ainda mais sabendo que pensava tão mal dela. Não havia lhe dado motivos para que duvidasse de sua honra e isso a enfurecia, mas tal qual estavam as coisas, limitou-se a obedecer. Só quando estava fora de alcance de sua vista entrou no bosque que bordeava o caminho. Sua intenção era esconder-se e voltar para escutar. Não sabia o motivo, mas uma força alheia a ela empurrava-a.

- Do que está brincando, Clifford? – Havia se sentido fora de si quando havia visto a cena entre Deirdre e esse desgraçado. Só por tocá-la como o havia visto fazer, merecia que lhe quebrasse as pernas.

- Não estou brincando de nada. Ofende-me que sequer o insinue.

- Não minta. Nos conhecemos bastante para que finja ser um cordeiro quando ambos sabemos que é pior que os lobos. Além do mais, você nunca mostraria interesse algum em minha mulher se não fosse quem é.

- Parece-me uma mulher muito interessante. – Angus percebeu um leve movimento entre as árvores mais adiante. Apostaria uma jarra de cerveja que essa feia mentecapta que Liam tinha por esposa estava escondida por detrás. Se não podia seguir sua antiga estratégia, podia utilizar essa inesperada curiosidade feminina em seu benefício e de passagem fazer o que tinha em mente desde o princípio: magoar Liam.

Na realidade, tão logo soube que Liam havia se casado, pediu informações sobre ela. Só a havia visto uma vez em Glenrow. Não teria se surpreendido mais se tivesse se casado com uma ovelha. Tinha se assombrado que tivesse escolhido precisamente a essa; e além do mais, inglesa. Entretanto, longe de desanimar, havia elaborado um plano simples convencido de sua infalibilidade. Só tinha que bajulá-la o suficiente para que acreditasse que se apaixonara por ele e assim poder seduzi-la. Devolvê-la a Liam desonrada seria a melhor jogada que poderia haver desejado, mas, com o inesperado encontro, suas intenções haviam ido para o brejo.

- O que quer é utilizá-la como meio para vingar-se de mim – replicou. – Afinal de contas não teria se deitado com ela. Não faz o seu tipo.

- Que quer dizer? – Perguntou, embora se sentisse surpreendido porque Liam havia compreendido com tanta rapidez qual era sua intenção original.

- O que é evidente. Afinal de contas é capaz de ver o que todos veem. Só o fato de a beijar lhe pareceria um suplício.

- É o que acontece com você? – Perguntou malicioso. – Por que, já sabe, eu teria achado o mesmo de você. – Segurou com força as rédeas ante a repentina impaciência do cavalo. – Ou acaso gosta dela? – Não o deixou responder. – Não, claro que não. Sempre lhe atraíram as mulheres formosas e essa

mulherzinha que tem por esposa é feia como o pecado.

- Sim, é – confirmou.

- Gosto quando estamos de acordo em algo.

O amplo sorriso de satisfação que Clifford mostrava o encheu de inquietude.

- Não faço mais do que confirmar o óbvio. Também poderia lhe explicar que não é só um rosto incômodo de fitar, mas alguém como você não entenderia.

- O que há para entender? – Perguntou franzindo a testa.

- Exatamente o que dizia. O que importa é que Deirdre é a mulher com quem me casei, pelo que, de agora em diante, evitará de se aproximar ao menos a um quilômetro e meio de distância...

- Um quilômetro e meio? – Interrompeu-o com uma gargalhada pelo exagero da ordem.

- ...do contrário, o procurarei e lhe arrancarei as entranhas com um puxão.

- Bah! Que importância tem uma feia a mais neste mundo. – Não ia continuar insistindo. O dano que queria já estava feito. – Sua mulher não vale a pena. Ao menos espero que saiba esquentar a cama, porque para o demais...

- Não chegou a terminar a frase. Liam já havia reagido, lançado sua direita em plena mandíbula daquele sujeitinho.

- Sempre me pareceu desprezível. Repito-lhe, deixe-a em paz ou atente às consequências. – Temia fazer mais que lhe bater e teve que apelar a todas as suas forças para não o fazer.

Com o golpe, Angus havia soltado as rédeas de seu cavalo, que escapou a galope.

- Maldito! – Exclamou com fúria. – Era meu melhor animal. – Fitou-o com ódio e soltou o golpe final. – Deleite-se quanto queira, mas eu se fosse você não ficaria por aqui pavoneando-me, pois, sua adorada esposa estava escutando. É possível que agora mesmo esteja fazendo a bagagem. – Sua risada era puro veneno.

O sangue de Liam gelou. Escutando? O que havia dito exatamente?

Havia falado sem pensar movido pela raiva, mas não pensou seriamente nisso. O que menos imaginava era que Deirdre o ouviria. Ignorou seu inimigo e correu como se perseguido pelo diabo.

Deirdre chegou em casa despedaçada por dentro e desmanchando-se em lágrimas. Não havia sido capaz de continuar escutando quando Liam havia afirmado que ela era feia, com a mesma frieza desapaixonada que utilizaria para falar do tempo. Pensava que ele havia sabido ver mais além das aparências e que começava a amá-la, mas havia se enganado. A dor pesava tanto que não entendia como conseguia se manter em pé.

- Querida, chegou uma carta para você. – A voz de sua sogra filtrou-se através de sua dor enquanto subia as escadas. Não queria que a visse assim, mas esta já a havia alcançado. – Vem de Londres e... - Deteve-se ao vê-la nesse estado. – Menina, o que aconteceu?

- Nada, Robina, eu..., preciso... - Pegou a carta de suas mãos. – Tenho que ir. – Subiu as escadas tão rápido como o vestido permitia e se trancou em seu refúgio. Ao longe, amortizada pelas portas, ouvia a voz de sua sogra chamando-a preocupadíssima, mas não se importou.

Seu amor não tinha esperança de ser correspondido, nem agora, nem nunca. E isso a destroçava. O pior de tudo era a crença que havia sentido essa manhã, que havia estado a ponto de fazer que declarasse seu amor a Liam. Grande humilhação.

O que ele teria lhe respondido? Nem sequer conseguia imaginá-lo. Riria de seus patéticos sentimentos ou conseguiria permanecer imutável sem se deixar levar pela hilaridade? A sua feia esposa apaixonada....

Leu a carta que Robina lhe havia entregado através do véu de lágrimas que não cessava de molhar suas bochechas. Embalada pela nostalgia e pela necessidade de estar com os seus, tomou uma decisão que não queria parar para avaliar.

Assim a encontrou Liam pouco depois. Seu semblante evidenciava o sofrimento anterior, mas só por dentro parecia um rio fluindo para terras desconhecidas.

- Deirdre... - Chamou este quando mal entrou. Havia corrido preocupado, mais ainda quando sua mãe lhe explicou o estado em que sua mulher havia chegado. Quando viu os baús abertos se deteve no ato. – O que faz?

- Vou viajar. – Respondeu com voz suave, embora firme.

- Para onde?

- Para um lugar onde me queiram e me respeitem. – Jogou e dobrou camisolas de qualquer maneira ao azar.

- Deirdre, eu...

- O que? Você, o que? – Exclamou com fúria repentina. – Pare já de mentir. Não sou idiota. Estou farta de suas maneiras e desprezos. Este é o último que permiti. Como pôde pensar que eu faria algo assim a você? Nunca, me entende? N-U-N-C-A – soletrou raivosa – o trairia com outro homem e jamais dei motivo para que pense o contrário. Mas não só isso, como também tinha que me humilhar um pouco mais acusando-me diante desse... - Foi incapaz de continuar.

- Lamento-o. – Tentou aproximar-se, mas Deirdre o rechaçou afastando-se. – Angus Clifford tem sido meu inimigo desde que me lembro. Quando os vi no

caminho...

- Pare! Não quero ouvir explicações absurdas. Creia-me, faço uma ligeira ideia do que sentiu.

- Voltará? – Perguntou Liam desesperado. A situação fugia de seu controle. Não sabia o que dizer para alcançá-la.

- Para quê? – Fitou-o com seriedade, mas seus olhos refletiram o quanto se sentia traída.

A dor se refletia em cada um dos gestos de sua mulher e Liam estava sentindo como se ele mesmo tivesse sido o ofendido.

- Estamos casados – murmurou, incapaz de pensar em outra coisa que não fosse Deirdre abandonando—o.

- Não me recorde. Mas, de que lhe serve uma feia como eu? Exceto para deitar-se comigo, é claro. Quando os demais não quereriam fazer nem isso. Talvez se cubra a cabeça com um lençol... Ou talvez nem desse modo, não é, Liam?

- Já sei que escutou parte da conversa, mas não toda. Não o disse com a intenção de ofendê-la. Só pretendia que Angus a deixasse em paz.

- É um idiota. – Fechou um baú. – Mas não tanto que nem se dê conta de que o é de verdade. Recebi carta de meu irmão Andrew – disse para mudar de assunto. – Minha sobrinha está tendo febres preocupantes e eu nem sequer a conheci. Creio que este é o momento certo para que nós dois nos afastemos.

- O que quer dizer com afastar-se?

- Tenho que refletir. Não sei se voltarei. – Deteve com a mão o próximo comentário de seu marido. Também a ela lhe doía pensar no que significava a palavra. – Se não o fizer, sei que desta vez contarei com todo o apoio de minha família, incluindo meu pai – acentuou para não ficar nenhuma dúvida. – Se decidir regressar, não sei quando será isso.

- Deirdre, sei que está zangada e decepcionada, mas as coisas não se resolvem fugindo.

- Parece que não entende, Liam. Ficando acabaria por perder a parte de mim mesma que me define. Inclusive poderia chegar a odiá-lo. Não fujo, simplesmente sou incapaz de permanecer um segundo mais a seu lado.

Capítulo 10

O tempo se fez eterno. Tudo no lar dos McDougall ficou lento, como se a partida de Deirdre os deixasse envolvidos numa hibernação.

A ala destinada a ser o lar da jovem geração já estava terminada, mas permanecia silenciosa. Não parecia haver ninguém capaz de apreciar as paredes novas, o possível quarto das crianças, a modesta e confortável sala de refeições, o pequeno escritório com uma abastecida biblioteca ou o amplo quarto do casal. No entanto, embora passear pela silenciosa ala não lhe trouxesse a paz que buscava, Liam se negava a deixar se perder algo que havia sido criado com tanto esforço e carinho, por isso as serventes tinham a ordem de varrer, tirar o pó ou limpar as vidraças.

De sua parte, seguia utilizando a habitação em que tanto Deirdre como ele haviam passado tão bons momentos... Mas também os piores.

Sua eterna penitência era recordar sua última conversa entre essas quatro paredes e reproduzi-la uma e outra vez, tentando deduzir onde havia falhado. Não havia deixado de lado o trabalho que sua esposa havia começado com as pessoas que compunham sua tão valiosa comunidade. Eles eram sua rotina, os que, de certa forma, o mantinha unidos a Deirdre.

Se antes da chegada de sua mulher à sua vida alguém lhe tivesse dito como se sentiria sem ela, o teria tachado de louco. Não podia evitar. A via em cada canto, conversando com entusiasmo, concebendo novas formas de facilitar a vida ou criando momentos únicos. Discutindo com sua mãe, Fiona ou Edmé; sentada no escritório lendo um livro enquanto ia lhe contando cada detalhe; banhando-se à luz das velas ou simplesmente entregando-se a ele na cama. Sentia tanta falta dela que em certas ocasiões sentia uma dor surda no peito.

Em outras circunstâncias, teria se convencido de que, afinal de contas, havia se acostumado à constante presença de sua esposa, e de certa forma era assim, embora sem que fosse apenas isso. Seus sentimentos por ela haviam aumentado cautelosa e silenciosamente nesse seu coração, tão estúpido e cego, até convertê-lo em mais que um músculo, em mais que um órgão. Agora, e sem saber muito bem como havia acontecido, sentia-se em condições de aceitar que se achava irremediavelmente apaixonado por Deirdre, mas também muito só.

Desde o princípio, havia agido como um grosso, errando a cada passo. Ela havia acertado ao chamá-lo de idiota, mas era mais do que isso, e não a merecia.

A aparência que uma vez havia julgado feia, parecia-lhe agora um rosto único. Também compreendia que ela, assim como os outros, era mais que uma simples aparência. Se alguém não se permitia conhecer o verdadeiro eu das pessoas, estava condenado à solidão. E ele não queria isso.

O mais patético de tudo isso era que, enquanto ele morria de amor por Deirdre e a valorizava como merecia, ela talvez se limitasse a guardar um afeto amigável em seu coração. Contudo, tendo em conta que não se havia portado como um verdadeiro marido, isso seria desejar muito e, devido à forma como se separaram, era mais que provável que nem isso conservasse.

Não lhe restavam muitas opções, mas havia se imposto um prazo. Deixaria passar um pouco mais de tempo e permaneceria em Glenrow, trabalhando e rezando para que ela não julgasse ser melhor não regressar para casa. Do contrário, viajaria à Inglaterra e se esforçaria para convencê-la de que havia mudado e de que a amava, não apesar de sua aparência, mas sim devido a ela. Esperava ter a oportunidade de reparar a mágoa que havia causado, assim se limitou a esperar.

Deirdre saudava a todos os que encontrava em seu caminho no regresso para casa. Percorria pela segunda vez o trajeto que levava à incerteza, embora desta vez a paisagem mostrasse uma inalterável vestimenta branca. Novamente não se sentia preparada, mas nesta ocasião os sentimentos que guardava eram de natureza completamente diferente. Agora, a ira, pena e decepção, se mesclavam com o desejo e o amor. E tudo devido à mesma pessoa: seu marido.

Durante o tempo em que havia se ausentado, havia sentido muitíssimo a falta de Liam, entre outras coisas menos bonitas. Ao menos, sua estadia em Londres havia sido muito produtiva. O precioso bebê de seu irmão e Darleen havia passado pelo pior e se recuperava bem.

Quanto a sua queridíssima Camile, havia desejado ficar mais tempo para o nascimento de seu primogênito ou primogênita, já que o final de sua gravidez estava chegando, mas esta situação que vivia não podia se estender mais. Ela mesma havia recomendado que voltasse o quanto antes à Escócia para solucionar as coisas com Liam. Havia—lhe desejado muita sorte, incitando-a também a voltar logo com seu marido para conhecer seu rebento.

Contra todo prognóstico, quem mais a ajudou a refletir sobre todo o assunto havia sido seu pai. Mostrou-se compreensivo todo o tempo e sempre esteve a seu lado cada vez que necessitou desabafar.

- Seria capaz de perdoá-lo? – Havia perguntado em uma ocasião.

Para sua eterna vergonha, a resposta era afirmativa. Amava-o tanto que era capaz de perdoá-lo. Porém, somente se seu marido fizesse algumas mudanças.

- Mas, e se nunca chegar a amá-la como deseja? – Essa questão que seu pai havia apresentado lhe havia dado muito sobre o que refletir.

No final havia chegado à conclusão de que devia voltar e falar com ele. De longe não podiam solucionar esse tipo de coisa. De sua parte, não estava disposta a viver com um homem com semelhante comportamento, por mais que o amasse. Ainda assim, se a mudança nele fosse possível, aceitaria que seus sentimentos não fossem correspondidos. Sabia que, com o tempo, podia acabar despertando em Liam algo parecido ao carinho.

Foi duro despedir-se de todos outra vez, sobretudo porque deixava pessoas felizes e apaixonadas. Num certo sentido, compreendia que a inveja era normal, mas sentia-se mal por isso.

- Não se preocupe por isso, – consolou-a seu pai quando o confessou pouco antes de partir para a Escócia – são sentimentos naturais. Você continue como fez até agora e seu coração terá sua recompensa.

- Isso não é como nos livros, papai – replicou ela. – Os finais felizes nem sempre são possíveis.

Ele lhe deu algumas carinhosas palmadinhas e sorriu com nostalgia.

- Ao menos terá a certeza de que tentou. Se a situação ficasse demasiadamente insustentável falaríamos sobre um casamento só de nome.

Quando, já em sua casa, desceu da carruagem e seus sogros apareceram, ambos tinham expressões alegres, de pena e alívio ao mesmo tempo. Abraçaram-na com efusividade.

- Pode consertar isso – disse Evan de forma desajeitada antes de soltá-la. Não era de sua natureza intervir. – Dê-lhe uma oportunidade.

Deirdre se limitou a assentir. Não estava segura do que iria acontecer.

Quando pôs os pés na ala da casa que compunha seu lar, sua segurança minguou. Era muito fácil se dizer o que fazer quando estava longe, mas agora fraquejava.

Para se dar um pouco de tempo, limitou-se a admirar o resultado final do que tanto haviam sonhado Liam e ela. Havia ficado tão bonito...

Imaginava que seu marido estaria no escritório, enterrado entre os papéis, por isso preferiu passar por seu quarto e deixar a capa, o chapéu e as luvas. Ao entrar, surpreendeu-se pela escuridão que reinava. Aproximou-se das janelas para afastar as cortinas e permitir que a luz inundasse o lugar, mas ao se virar ficou paralisada quando viu Liam estendido sobre a cama.

Deu a volta à cama em silêncio. Era evidente que dormia, embora fosse meio-dia e o fizesse com a roupa posta. Não tinha um aspecto muito agradável à vista, sobretudo com essa barba e essas olheiras que nunca havia visto nele.

Ao que parecia, havia outra pessoa que havia estado sofrendo; uma lástima

que não se sentisse comovida com isso.

- Liam, acorde. – Este murmurou algo no sonho, mas sem abrir os olhos. – Liam. – Sacudiu a cama tão forte que seu marido os abriu... para voltar a fechá-los. Com pouca paciência, pois não era a recepção que esperava, subiu na grande cama e, com a ajuda das mantas, o fez rolar até que caiu no chão.

- Auchhhh! – Liam gemeu de dor e despertou desorientado. Entrecerrou os olhos quando o sol bateu em cheio neles e tentou se pôr de pé. Quando conseguiu. Fechou um olho ao perceber uma figura conhecida que descia pelo outro lado da cama. Abriu os olhos, arregalando-os. – Deirdre? Deirdre?

- A mesma.

Não teve tempo de acrescentar mais nada, já que Liam saltou com uma agilidade e rapidez assombrosa por cima da cama revolta para parar na sua frente, estreitá-la pela cintura e com a outra mão lhe segurar o rosto, incrédulo.

- Está aqui.

Não esperava resposta nem deu tempo para que Deirdre o fizesse. Exultante, beijou-a. Um beijo profundo que queria expressar todo o desejo e o desespero que o haviam acompanhado durante sua ausência. Nem sequer percebeu a resposta entusiasmada de Deirdre a seu beijo. Só queria senti-la; saber que podia cheirá-la, tocá-la novamente.

Com uma rapidez inusitada, arrastou-a junto a ele para cima do colchão. Afastou a boca de seus lábios para deixar um rastro de beijos pelas maçãs do rosto, o nariz e a testa, lhe mostrando assim sua devoção.

- Voltou, voltou. – Sua voz soava amortecida enquanto falava sem deixar de beijá-la.

Deirdre tinha que reconhecer que não esperava estas boas-vindas. Pega de surpresa, limitou-se a aproveitar o momento, à espera de que seu marido recobrasse o juízo, ou ao menos a sensatez.

- Pensava que havia decidido abandonar-me de forma definitiva – disse ele após alguns minutos. Levantou a cabeça e a fitou com intensidade. – Ficou tanto tempo fora que estava esperando uma carta me comunicando sua decisão.

- Foi apenas pouco mais que um mês – desculpou-se. Notava-o ferido, mas ela estava mais. Levantou-se, mas permaneceu sentada a seu lado.

- Para mim pareceu muito mais – confessou Liam. Já havia decidido viajar à Inglaterra para convencê-la a voltar.

- Por que? Para você teria sido melhor que...

- Por que a amo – soltou a declaração de improviso. Não tinha sentido escondê-lo por mais tempo.

- O q-quê? – Havia ouvido mal? Estava brincando com ela? Talvez estivesse ainda na carruagem enquanto sonhava com essa impossível declaração. – Liam,

não...

- Espere, Deirdre, não diga nada – suplicou-lhe, sem deixá-la terminar de falar. – Permita-me convencê-la de que nosso casamento poderia funcionar e de que eu nunca voltarei a humilhá-la nem em palavra nem em pensamento. – Levantou-se da cama e passeou pela habitação com nervosismo. De repente sentia as palmas úmidas. Não era simples se mostrar tão vulnerável, mas não via outra forma de que Deirdre voltasse a depositar nele seu carinho. – Tinha razão, era um idiota, mas aprendi com meus erros, asseguro-lhe. Toda a mágoa que lhe causei se voltou contra mim. Senti tanto a sua falta.

“Parece tão perdido”. Deirdre sentia que a objetividade a abandonava, sobretudo quando Liam estava lhe dizendo tudo o que seu coração desejava ouvir.

- Oh, Liam.

- Vou compensá-la, juro. – Voltou a sentar a seu lado e lhe segurou o rosto com as mãos. – Serei o que deseja e me esforçarei todo dia para lhe dar o que merece. No princípio tive medo de beijá-la porque pensava que não era o que queria – confessou envergonhado. – Então beijei-a e tive medo de a amar... - Pigarreou com emoção. – Mas isso já passou. Amo-a... tanto, que me aterroriza perdê-la. Se não sentir isso com a mesma intensidade não importa. Bom, sim, mas posso viver com isso. Só preciso que me conceda uma oportunidade para fazê-la se apaixonar. Tenho que ser capaz de fazê-lo!

- Não se esforce muito. – Deirdre se sentia emocionada. – Não sei se poderia suportar amá-lo mais. Temo que meu coração explodiria.

Liam se deteve, emocionado.

- Isso significa...

- Que já estava apaixonada por você antes de ir embora – confessou. – E que esse sentimento não desapareceu.

- Deus! Tanta dor; tanto sofrimento que devo ter—lhe causado. – Juntou a testa com a dela.

- Assim foi, mas não importa, agora já não. – Deirdre não queria se torturar mais.

- Sim, importa, mas farei com que esqueça. Chegará o dia em que meu amor terá apagado toda a dor que sofreu e não lembrará outra coisa além da felicidade que lhe proporciono.

- Pretensioso – declarou com meio sorriso.

- Talvez. Ou somente seguro de minha capacidade de lhe demonstrar a veracidade de meus sentimentos. Nunca vai duvidar de que não quero conhecer nem estar com ninguém que não seja você. Que a adoro. Que a amo.

- Embora seja feia? – Testou-o pela última vez.

- Para mim é perfeita; ou se prefere, sempre será minha feia preferida. Já sabe, as feias também me apaixonam. – E em seguida passou a lhe demonstrar quão verdadeira era essa afirmação.

FIM